

SUELY TEXEIRA LOPES SOUSA

**COMO A ESCOLA ESTÁ DESENVOLVENDO UMA PROPOSTA DE LEITURA
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

XINGUARA – PA

2005

**PEDAGOGIA
ETIQUETA Nº 063**

SSC

SUELY TEXEIRA LOPES SOUSA

**COMO A ESCOLA ESTÁ DESENVOLVENDO UMA PROPOSTA DE
LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Irene Correia Ribeiro

XINGUARA – PA

2005

UNIFESSPA
BIBLIOTECA JOSINEIDE TAVARES

SUELY TEXEIRA LOPES SOUSA

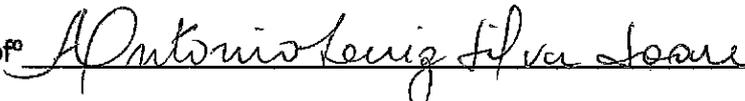
**COMO A ESCOLA ESTÁ DESENVOLVENDO UMA PROPOSTA DE LEITURA
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Xinguara – PA, 2005



Orientadora: Prof^ª Irene Correia Ribeiro

Universidade Federal do Pará

Prof^º 

Universidade Federal do Pará

Prof^º _____

Universidade Federal do Pará

Dedico, com muito amor e carinho, ao meu mestre Vicente Alves de Sousa (in memoriam) que me ensinou, desde cedo, a fazer a leitura de mundo e sempre acreditou em minha capacidade. Tenho certeza que o Senhor está recebendo a Luz Divina, a Luz Eterna e continua me protegendo.

AGRADECIMENTOS

Sou eternamente grata a Deus, Pai de Bondade e Misericórdia, que me acompanha a todo instante, pela força divina, por ter me concedido a vida, saúde, energia, sabedoria, perseverança e muito amor para que pudesse realizar este sonho.

Meu agradecimento muito especial para minha Querida Mãe, Maria Texeira Lopes Sousa, com muito amor, pelas constantes orações, por toda dedicação, por toda felicidade que continuo recebendo e por acreditar em minha capacidade, preparando-me para viver com alegria, minha eterna gratidão.

Ao meu esposo e amigo imprescindível, com amor e carinho por acompanhar-me nesta jornada de realização profissional.

A minha Professora / Orientadora Irene Correia Ribeiro, primeiramente por aceitar meu convite e depois pela paciência, dedicação e disponibilidade de sempre me atender com incentivos, não medindo esforços para que eu pudesse tirar o melhor e maior proveito deste.

À Professora Hildete dos Anjos, pela compreensão e incentivo nos meus estudos.

Aos meus amigos do curso que residiram comigo: Cledson, Giro, Márcia, Francileuza e Sr. Raimundo, pela paciência, disponibilidade e pela boa convivência.

A todos os professores e colegas da turma, pela companhia e pelos momentos agradáveis, vividos durante esses anos.

Aos meus amigos Cledson, pelos sinceros gestos de amizade, e Gilberto Frota que mesmo de longe me incentivou na realização deste curso.

Através da leitura do escrito a criança pode reconhecer não só a leitura do real, que ela já traz, mas também ascender a outras visões de mundo, com as quais poderá dialogar, modificando, enriquecendo, questionando o texto do "outro" e/ou a sua própria realidade.

(Pilletti, 1991, p.19)

RESUMO

Este trabalho resulta um estudo sobre como a escola está propiciando e desenvolvendo uma proposta de leitura. E tem como problema central "como está sendo realizado o trabalho de desenvolver no aluno o gosto pela leitura em uma turma de 3ª série, na escola "X" de Ensino Fundamental no município de Canaã dos Carajás", objetiva investigar como a escola trabalha o processo de aprendizagem e o gosto pela leitura dos discentes das séries iniciais do Ensino Fundamental, (3ª série). Para a realização deste trabalho utilizamos como referencial teórico: Silva, Lerner, Kleiman, Freire, Solé, Cagliari e outros. Escolhemos a pesquisa do tipo qualitativa, utilizando como instrumento de coleta de dados a observação e a entrevista com os alunos e com a professora de 3ª série do Ensino Fundamental no referido município. Após as análises concluímos que os alunos gostam de ler, entretanto, eles não dispõem de um ambiente favorável à leitura, com diversos materiais, tampouco de uma professora incentivadora do hábito de ler. Ler é uma forma de aprender a pensar, a refletir sobre a realidade e a conhecer a si mesmo. A leitura proporciona ao indivíduo enxergar novos horizontes e o torna capaz de entender seus direitos e deveres na sociedade. Portanto, é necessário que os profissionais que trabalham nas séries iniciais do Ensino Fundamental, proporcionem, aos alunos, a convivência com diversos materiais de leitura, criando ambientes propícios a esta, já que a maioria das crianças não tem contato com bons textos e com adultos leitores.

SUMÁRIO

RESUMO	7
INTRODUÇÃO	9
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1. O que é Leitura?	12
1.2. Como a Criança Aprende a ler?	17
1.3. O Sujeito Alfabetizado é um Leitor?	29
1.4. Como a escola está Trabalhando o Processo de Leitura?	33
1.5. A maneira Como a Escola está Trabalhando o Processo de Leitura, se reflete na Vida do Aluno	42
2. ABORDAGEM METODOLÓGICA	48
3. ANÁLISE DA PESQUISA.....	53
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
ANEXOS	77

INTRODUÇÃO

A leitura é uma prática socialmente construída, meio pelo qual os sujeitos conquistam a cidadania, servindo para um entendimento de si, do outro e do mundo.

A leitura, do texto escrito, está presente de maneira tão viva no meio social, que quem não lê fica alheio a uma parte da sociedade. Ela é o ponto de partida para o aprendizado do educando.

Somos sabedores das vantagens que este ato pode proporcionar aos sujeitos que convivem numa sociedade, como a nossa, que supervaloriza a leitura do escrito, no entanto, a grande maioria dos educandos não adquiriu, ainda, este hábito. A escola é a instituição social que tem a incumbência de ensinar a ler e a escrever, entretanto, a maioria dos alunos que “sai” das escolas não se converte necessariamente, em leitores, já que estes se definem, em princípio, pelo acesso à leitura de bons textos.

O acesso a um único gênero textual não conduz ao desenvolvimento da formação de bons leitores. O aluno precisa vivenciar a diversidade textual que circula na sociedade e ter contato com adultos leitores. Quando este não tem exemplos concretos de práticas, onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade e práticas de leitura eficazes.

Partindo do pressuposto acima, investimos num estudo, objetivando desvelar como a escola está realizando o trabalho de desenvolver no aluno, o gosto pela leitura. Contamos com o embasamento teórico das leituras de Silva, (1997, 1998) Lerner, (2002) Freire, (1993) Kleiman, (2002,2004) Cagliari, Solé (1998), Martins (1994).

Contudo, foi necessário, não perder de vista os objetivos já traçados. Para encaminhar o estudo: Investigar como a escola trabalha o processo de aprendizagem do gosto pela leitura dos discentes das séries iniciais do Ensino Fundamental, mais precisamente da 3ª série.

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola de Ensino Fundamental no município de Canaã dos Carajás-PA, observando como as práticas de leituras são efetivadas no cotidiano escolar.

Esta pesquisa foi dividida em uma observação e uma entrevista, no primeiro momento foi efetivada uma observação num período de oito semanas, o equivalente à carga horária de 152 horas. Sendo que as observações foram feitas no período integral das aulas.

No segundo momento foi realizada a entrevista com os alunos e com a professora da 3ª série da escola pesquisada. A entrevista com os alunos aconteceu entre os dias 03 e 10 de novembro, e no dia 12 do mesmo mês foi efetivada com a professora. A pesquisa que adotamos foi a qualitativa, por entendermos que as ações podem ser melhor compreendidas no próprio ambiente de ocorrência.

Para organizar as análises dos dados coletados na pesquisa de campo, selecionamos as seguintes categorias:

- . "O trabalho da professora "Y" com o ensino da leitura;
- . "Os alunos e a leitura, e a leitura no ambiente familiar";
- . "Professora versus leitura".

Este trabalho está dividido nos seguintes tópicos: 1- O que é leitura? 1.1- Como a criança aprende a ler? 1.2- O sujeito alfabetizado é um leitor? 1.3- Como a escola está trabalhando o processo de leitura? 1.4- A maneira como a escola está trabalhando o processo de leitura, se reflete na vida do aluno?

Sendo que no primeiro conceituamos leitura, enfatizando sua relevância no contexto social; em seqüência, mencionando as situações didáticas favorecedoras deste ato, fizemos uma abordagem de como a criança aprende a ler. Em seguida, passamos à abordagem do segundo tópico: o sujeito alfabetizado é um leitor? Abordando as diferenças entre decodificar e compreender; na seqüência, como a escola está trabalhando o processo de leitura na visão de alguns autores e como esse processo se reflete na vida dos alunos.

No segundo capítulo, fizemos uma descrição sobre as considerações metodológicas, onde se procurou detalhar o problema, os objetivos e o processo de metodologia de pesquisa, ou melhor, a trajetória percorrida para a concretização desse estudo.

No terceiro capítulo, abordamos através de categorias, as análises dos dados, embasados em teorias correlacionadas com as práticas vivenciadas no ambiente pesquisado, e a entrevista realizada com os alunos e com a professora. (da turma pesquisada)

O quarto e último capítulo apresenta as conclusões referentes às análises dos dados pesquisados, relacionados com a pesquisa científica e as considerações finais do trabalho.

Muitas das idéias e reflexões que aparecem neste trabalho são resultados de quatro anos de estudo no curso de pedagogia, em especial na disciplina de fundamento Teórico Metodológico do Ensino de Português e de experiências de vida docente.

Este trabalho visa contribuir, sem maiores pretensões, para uma efetiva reflexão sobre a prática docente, no que tange ao ensino da leitura, a qual possa ser traduzida em novas propostas de trabalho e nortear a ação docente no sentido de suscitar reflexão e discussão das quais poderão surgir novas pesquisas.

CAPÍTULO I

1. Fundamentação teórica.

1.1. O que é leitura?

A leitura está presente em nosso dia-a-dia, estamos constantemente envolvidos com situações que demandam leitura como, ler uma bula de remédio, uma receita, um anúncio, "pegar" um ônibus, ler instruções de um manual e outros, não se restringindo apenas ao ambiente escolar.

A leitura é a mola impulsora em busca de autonomia, o ato de ler abre novas perspectivas ao indivíduo, permitindo-lhe posicionar-se criticamente diante da realidade. "Ao experienciar a leitura, o leitor executa um ato de compreender o mundo". (SILVA, 2002:43)

É um ato de auto-satisfação, pois o indivíduo não precisa de outrem para saber o que está escrito.

Faz-se necessário mencionar as diversas funções da leitura: ler para escrever, ler para estudar, ler para descobrir algo que deve ser feito, ler para se divertir. SILVA afirma que "Em uma sociedade, são múltiplos e diversificados os usos da leitura. Lê-se para conhecer, lê-se para ficar informado, lê-se para fantasiar e imaginar. Lê-se para resolver problemas. E lê-se também para criticar e dessa forma, desenvolver posicionamentos diante dos fatos e das idéias que circulam através dos textos" (1998:27).

De acordo com ÂNGELO, a "leitura é um ato libertador. Quanto maior a vontade consciente de liberdade maior índice de leitura. Um dos efeitos da leitura é

o aprimoramento da linguagem, da expressão nos níveis individual e coletivo. Uma sociedade que sabe expressar sabe dizer o que quer é menos manobrável". (Ângelo Apud Silva, 1997:72).

Idéia essa reforçada por LERNER, quando afirma que "Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita... (2002:73)".

SOLÉ (1998:32), enfatiza que a leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, de múltiplas culturas e, neste sentido, sempre é uma contribuição essencial para cultura própria do leitor.

Ainda de acordo com essa autora, ler é muito mais que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é, sobretudo, uma atividade voluntária e prazerosa e, quando ensinamos a ler, devemos levar isso em conta. As crianças e os professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler.

Convém lembrar que as competências de leitura crítica não aparecem automaticamente, como muitos professores pensam, elas precisam ser ensinadas, praticadas e vivenciadas a fim de que os alunos possam desenvolver atitudes de questionamentos diante dos materiais escritos.

Ensinar a ler criticamente significa, ensinar o aluno a ler as entrelinhas, ou seja, entender o que o autor quer dizer, tentando apreender a realidade que o cerca.

Ler criticamente é um processo de apreensão da realidade, a leitura crítica pressupõe uma certa postura do leitor diante do texto, uma atitude ativa,(..) explorando as possibilidades de sentido da linguagem, sendo um processo que não termina na escola e sim perdura por toda vida.

FREIRE, já dizia que: "a compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo" (2003:11). É preciso enfatizar a relevância da leitura, afinal, todos nós somos leitores. Pois, leitura não se restringe, apenas, ao escrito, quando queremos entender o que está errado com a gente, lemos a nós mesmos e o mundo a nossa volta, procurando uma resposta, quando um aluno olha para professora e diz: "você não está bem!" Antes ele fez uma leitura para tal afirmação, ou seja, leu a tristeza ou a dor expressa no rosto da professora, lemos uma fotografia, uma paisagem, um tom de voz e lemos também as palavras. Quando falamos em leitura pensamos logo na leitura escrita, esquecendo da leitura de mundo que fazemos desde a mais tenra idade.

Não podemos falar em leitura de mundo sem deixar de citar as palavras de Paulo Freire. "A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem a realidade se prendem dinamicamente". (2003:11).

As leituras que fazemos nos auxiliam na compreensão da realidade que nos cerca, para podermos melhor entender sua amplitude. Se aprimorarmos nossa capacidade de ler, ampliaremos nossa maneira de compreensão e admiração do mundo.

É de suma importância, a leitura, não se restringindo apenas ao ambiente escolar. Em nossas atividades cotidianas estamos constantemente envolvidos com ela.

Segundo MARTINS, "... O ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como

acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido.” (1994:30).

Quando lemos fazemos uma relação do escrito com nossas experiências de vida, ou melhor, quando o leitor se depara com um texto, o qual já ouviu falar ou já tem um breve entendimento do assunto, aumentam consideravelmente suas possibilidades de compreensão do texto.

Quem lê entra em contato com o autor do texto, com as idéias de uma ou de várias pessoas, recorrendo às próprias idéias para verificar o que sabe, sobre determinado assunto, para poder criticar ou concordar com o autor. Portanto, a leitura desperta interesse quando interage com o leitor, ou seja, quando faz sentido para ele e traz conceitos que se articulam com as informações que já se tem.

O ato de ler é um processo cognitivo, mas também uma atividade social e cultural, essencial para a criação de vínculos entre cultura e conhecimentos, proporcionando ao indivíduo enxergar novos horizontes, melhorando a capacidade da expressão oral e de compreensão da realidade em que vive, tornando-o capaz de entender seus direitos e deveres na sociedade. Quem não lê estará sempre suscetível a manipulações, tais como: reconhecer direitos e deveres instituídos em nossa Constituição Federal, identificar uma condução. É de grande importância sua função social, meio indispensável para o cidadão exercer sua autonomia.

O mundo do analfabeto* é muito pequeno e a leitura conduz ao aumento da visão de mundo e conseqüentemente a ser um cidadão reconhecedor de seus direitos e deveres na sociedade na qual está inserido.

Diante disso, faz-se necessário ressaltar que a leitura é condição essencial para melhorar a linguagem verbal e não verbal, pois quem lê interioriza o mundo, valores e interioriza, também, regras gramaticais básicas e aprende a compreender e se relacionar com o mundo.

É lendo que adquirimos novos conhecimentos, desafiamos nossa imaginação e descobrimos o prazer de pensar e sonhar. Quando lemos conhecemos outras realidades e mergulhamos num mundo fantástico, como lembra a autora Fanny Abramovic. "Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível..." (1993:14)

É através da leitura que se tem acesso à cidadania, à construção de uma personalidade mais crítica e, portanto, mais livre, para que se busque a felicidade pretendida por todos. Em outras palavras, LAJOLO resume o que afirmamos quando escreve: "lê-se para entender o mundo, para viver melhor". (2002:7)

O aluno com dificuldade de leitura perde a oportunidade de entender a riqueza de aprender sobre sua cidade, seu país, sobre os diversos tipos de cultura entre outros. A leitura é o ponto de partida para o aprendizado do educando. Sendo a leitura de grande importância para aprendizagem, sem dúvida alguma é um subsídio para um conhecimento amplo da realidade. Um bom leitor, dificilmente, encontrará dificuldades na sua aprendizagem, e saberá enfrentar, sem medo, os obstáculos que certamente surgirão no decorrer de seu aprendizado.

*SOARES, MAGDA. Alfabetização e Letramento. São Paulo: contexto, 2003.

1.2. Como a criança aprende a ler?

Na medida em que a criança vai crescendo e se desenvolvendo, vai tomando consciência do mundo e da realidade que a cerca. E essa maneira de perceber o mundo se dá diretamente através dos sentidos. Com o passar dos anos ela vai aprimorando esta percepção e além dos sentidos a criança de acordo com seu ambiente sócio-cultural, dá início à utilização de outros suportes como: a televisão, revistas, cinema e o próprio livro.

Este processo de aprendizado do mundo acontece durante a vida toda de um homem, desde a mais tenra idade até a velhice. Esta é a maneira pela qual o ser humano começa a "ler" o mundo.

Segundo MARTINS, "Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que mal ou bem fazemos mesmo sem ser ensinado". (1994:34).

A leitura do escrito está presente, na vida da criança, já que a mesma vive em um mundo letrado, pois é diário o contato com letrados, outdoors, embalagens de produtos industrializados, sem falar na presença massificada de televisão e em muitos casos até mesmo do computador.

A criança vai aos poucos construindo os mecanismos básicos para se efetuar a leitura, por exemplo, que se inicia sempre a leitura de cima para baixo, do lado esquerdo para o direito, que há um espaço entre as palavras, que existem diversas formas impressas de leitura (jornal, revistas, livros, folhetos etc). Percebe que a leitura de uma bula de remédio serve para saber como usá-lo, percebe que existe diferença entre leitura silenciosa e leitura em voz alta e ela adquire esse conhecimento à medida que interage com o meio em que vive, especialmente observando o adulto a ler diversos materiais escritos.

A criança também aprende a ler ouvindo histórias contadas por um adulto ou por uma criança que já tenha o domínio da leitura. ABRAMOVIC é bastante enfática ao falar do mundo mágico das histórias: "Ah, como é importante para a formação de qualquer criança, ouvir muitas, histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e da compreensão do mundo..." (1993:16).

Quando se conta histórias infantis (contos de fadas) para criança pequena, geralmente ela pede para que se leia, mais de uma vez a mesma história. É através destas histórias que a criança começa a encontrar algumas explicações para os fatos que acontecem em seu mundo, ou seja, ela compreende que sempre há uma solução para os problemas, que eles fazem parte de existência humana.

O contato com a literatura desde os primeiros anos de vida é essencial para semear o interesse pela linguagem escrita. Além do mais os contos de fadas emocionam divertem e mexem com os mais íntimos sentimentos. É de fundamental importância ler histórias para as crianças, é um dos meios pelo qual ela se familiariza com a leitura, ou melhor, a mesma vai fazendo parte de sua vida.

As crianças precisam que outros leiam para elas, até que possam ler sozinhas. As histórias são importantes, especialmente, porque as crianças aprendem muito, sobre leitura com os autores, mas também são relevantes as revistas, os jornais, os rótulos, as placas e os outros casos de escritas que as cercam em seus ambientes. É preciso deixar claro que quando um adulto lê para a criança, esta ação não a tornará preguiçosa em relação à leitura, pois quando as crianças aprendem a ler, elas ficam impacientes ao verem uma pessoa lendo para elas algo que elas já sabem, já dominam sozinhas.

É necessário lembrar que uma leitura oral sempre exige expressividade, musicalidade para que os ouvintes sintam as emoções que o texto quis transmitir. Ela sensibiliza o ouvinte e o estimula a novas experiências. É, portanto de extrema importância que o clima para a leitura seja o mais favorável e agradável possível. A leitura do texto pelo professor e o manuseio freqüente de livros vão provocando no aluno o interesse para a leitura e escrita.

Além da relevância de ler para as crianças, ainda mais importante é ler com elas, quando as crianças lêem com um adulto, o mesmo texto, aumenta-se a probabilidade de resolver alguns problemas que elas têm em relação à leitura. Faz-se necessário enfatizar que quando lê com um adulto uma poesia, uma parlenda ou um texto conhecido, a criança consegue fazer sua própria leitura, pois é influenciada e impulsionada pelo adulto para a realização deste ato tão maravilhoso, que é o ato de ler.

Contar muitas histórias para as crianças faz com que elas se aproximem e se apropriem da linguagem que se escreve. É interagindo com textos reais mesmo que ainda não saiba ler convencionalmente, que se aprende a ler diferentes tipos de textos e suas respectivas linguagens. A correspondência de letra e som, é um conteúdo importante, entretanto, é apenas um dos inúmeros conteúdos necessários para que se possa dominar progressivamente a linguagem escrita.

Sabe-se que os leitores iniciantes ainda são dependentes de estratégias de leituras diretamente relacionadas à decodificação sonora, contudo, não se pode oferecer a eles textos artificializados, elaborados apenas para ensiná-los a decodificar.

Os alunos precisam entrar em contato com materiais de boa qualidade, ou seja, com textos reais, caso contrário, construirão uma visão inadequada ou mesmo

distorcida da leitura e tenderão a não desenvolver estratégias próprias para efetivar a leitura.

Em muitas escolas, as crianças sentem dificuldades para aprender a ler porque na maioria das vezes, a escola trabalha com uma seqüência de conteúdos de maneira isolada, como se o conhecimento não fizesse parte de um todo, por exemplo, ensina-se a vogal "a", para a criança ela não tem nenhum significado, a relevância é saber escrevê-la, ou melhor, dizendo, desenhá-la, não se dá importância para o interesse da criança, criando-se assim situações mecânicas de ensino. Para LANDSMAN, "... é fundamental que o professor conheça o que as crianças já sabem, porém, sua obrigação social é ajudá-las ao que ainda não sabem e prepará-las, para irem muito além do que ele mesmo sabe". (1998:40).

As crianças executam tarefas mecânicas, exercícios que não levam a reflexão, sem significados para a criança, porque fazem sem saber para que estão fazendo, não lhes explicaram o objetivo da leitura e da escrita para o indivíduo se firmar como cidadão na sociedade. E essa maneira tradicional de se considerar a leitura e a escrita consiste apenas em dar mais ênfase nos aspectos gráficos, ignorando os aspectos construtivos que são essenciais para o aprendizado da criança.

A capacidade do cérebro humano é tão ampla e dinâmica que mesmo através desse processo maçante a criança aprende a ler e a escrever, mesmo que de forma estancada; se ocorresse o inverso, ela tenderia a construir este processo com mais rapidez.

As investigações sobre a psicogênese da linguagem escrita demonstram que o educador / alfabetizador necessita conhecer as regras e os princípios que orientam o processo de aquisição da leitura e da escrita pela criança. Essas regras

apontam para um caminho processual e individual que se inicia com diferenciação dos traçados que a criança faz quando intenciona desenhar e quando deseja “escrever” e continua com certas exigências que vão se agregando à intenção que essa escrita, realmente, diga algo (que as palavras têm uma quantidade mínima de letras, e que elas não são repetidas, etc) até chegar à compreensão da relação de sentido entre letras e fonemas, entre palavras e textos.

Se uma criança não chegou de fato a compreender um dos fundamentos da escrita alfabética, que é a relação letra e fonema (valor sonoro convencional), essa informação se apenas transmitida e não construída, não lhe servirá de nada. Conhecer o nome das letras é necessário para poder ler e escrever, mas há todo um processo de construção do sistema de escrita que transcende o conhecimento das letras, da mesma maneira que ler também é muito mais que sonorizar as letras.

Alguns pesquisadores afirmam que aprendemos a ler lendo, é por isso que é tão importante deixar ao alcance da criança pequena, bastante material de leitura, principalmente livros com escrita e ilustrações, pois a criança quando folheia um livro deste tipo, costuma fazer sua "leitura", guiando-se pelas ilustrações.

No dia-a-dia pode-se constatar facilmente que as crianças gostam de imitar atos de leitura. Quem já não teve oportunidade de ver uma criança que ainda não sabe ler convencionalmente, folheando um livro ou uma revista, fazendo de conta que está lendo? Essa atividade, aparentemente simples, de tentar reproduzir textos escutados passa por um processo interessante que se revela através de mudanças, quantitativa e qualitativa nos textos produzidos pelas crianças durante as imitações.

É importante mencionar que as crianças aprendem a ler, encontrando significados na leitura. Os professores devem ajudá-las a ler tornando a leitura fácil, sem dificultá-la. Isso tudo pode parecer óbvio, se não considerarmos que, na

realidade, muitas ações dos professores e também de adultos bem intencionados, fora da escola, podem ter a consequência de tornar a aprendizagem da leitura menos compreensível e mais difícil. É preciso deixar claro que o interesse principal do professor deve ser sempre o de evitar dificultar o processo de aprendizagem das crianças.

É necessário que o professor trabalhe com textos e com atividades desafiadoras, que se configurem em situações problemas, em que os alunos precisem por em jogo o que sabem, para aprender o que ainda não sabem. É necessário também que o professor faça uma investigação, ou seja, uma sondagem para averiguar os conhecimentos que os alunos já têm ao chegarem à escola, este é o ponto de partida para o aprendizado da leitura. Com os alunos que estão iniciando o processo de aprendizagem da leitura, é relevante que se trabalhe com atividades em que leiam em voz alta para os demais, ou seja, os educandos podem ler as falas curtas de um personagem, o nome do autor e ilustrador do livro, estas ações influenciam na autoconfiança dos alunos e favorecem a aprendizagem da leitura e da escrita.

O aluno que é acostumado desde criança a viver rodeado de livros, revistas, jornais, que entre seus brinquedos sempre tem um livro, terá mais facilidade para o aprendizado da leitura e conseqüentemente mais facilidade para se tornar um bom leitor.

As diferenças de contextos socioeconômico e familiar fazem com que as crianças tenham maiores ou menores oportunidades de participarem de atividades sociais mediadas pela escrita, principalmente, num país como o Brasil, onde as disparidades sociais acirram ainda mais essas diferenças: casas que consomem a

tecnologia na era da internet são vizinhas daquelas em que é difícil encontrar lápis e papel.

KATO reforça esse fato quando diz que, "... ao aprender a escrever, a criança aprende formas e linguagem. É de se supor, portanto, que quanto maior vivência com material escrito, tanto maior a facilidade em compreender o uso da linguagem escrita". (1988:15).

Este perfil da realidade brasileira endossa a necessidade e a importância do aprender a ler e a escrever como garantia para uma participação mais significativa dos alunos na vida social. Além disso, não se pode esquecer que a aprendizagem se realiza através do confronto entre o que se sabe (conhecimento prévio) e a nova experiência que se vive.

KLEIMAN lembra "O leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo da sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento lingüístico, conhecimento textual e conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto". (1989:13). Por isso que é importante que a leitura seja baseada na realidade do aluno, ou seja, que faça parte do seu contexto sócio-cultural.

É preciso deixar claro que não basta ensinar o código escrito, precisa-se fazer com que os alunos se apropriem das práticas sociais de leitura e escrita.

O incentivo à leitura propicia interesses em imitar atos de leitura. A familiarização com textos é facilitadora da compreensão na leitura.

A intervenção do professor é essencial para que o aluno ganhe autonomia como leitor. Ensinar a ler é lançar mão de todos os recursos que favoreçam a compreensão do texto na sua perspectiva mais ampla durante todo o processo de leitura. Seja qual for o texto trabalhado, em sala de aula, é importante focar a

questão da autoria, não só para aumentar a bagagem cultural dos alunos como também para que reconheçam que os textos são escritos por autores e que eles, alunos, como usuários da língua escrita, também podem produzir textos com finalidades diversas e para leitores diversos.

O aprendizado da leitura tem muito a ver com o meio em que o educando vive, a aprendizagem da leitura se caracteriza como um processo progressivo pelo qual a criança vai integralizando experiências auditivas, visuais e motoras, diferenciando um símbolo sonoro de símbolo gráfico, atribuindo-lhe significados e armazenando-os na memória para posteriormente utilizá-los no momento adequado e preciso.

É importante enfatizar que o homem é um ser dotado de razão e vontade, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso, ação verbal, dotada de intencionalidade, tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe de suas opiniões.

Assim, acredita-se que, quanto mais cedo se desenvolver a competência argumentativa da criança, tanto melhor será sua capacidade de compreensão e interpretação textual e quanto maior for a compreensão textual da criança, mais ampla será sua capacidade de julgar, de analisar e de propor soluções para diversos problemas.

Expressar-se verbalmente é um desafio até para os adultos. Como não há de ser para as crianças? É com essa preocupação que se deve orientar os trabalhos envolvendo a leitura.

É relevante falar de uma prática que acontece freqüentemente nas escolas, os professores exigem que o educando tenha uma boa expressão oral, entretanto, não o estimula, ao contrário, o inibe, pois muitas vezes que lhe é cobrada

a leitura em voz alta, é tolhida sua expressão, quando o professor o repreende ao pronunciar uma palavra tirando-lhe o acento e gaguejando.

Segundo CAGLIARI, "A escola às vezes tem hábitos estranhos de surpreender os alunos, como se eles fossem máquinas, sempre prontas a realizar a própria tarefa. Um aluno não lê como um gravador reproduz uma fita, a preparação para uma leitura em voz alta é indispensável".(1999:161).

Na aprendizagem da leitura e da escrita, as crianças têm como ponto de partida o sentido do mundo e dos objetos que as cercam, porque aprendem pensando, estabelecendo relações sobre as características de linguagem presente ao seu redor.

A aprendizagem de leitura constitui uma tarefa permanente que se enriquece com novas habilidades na medida em que se lê textos cada vez mais complexos. Por isso, a aprendizagem da leitura não se restringe ao primeiro ano escolar, pois essa leitura é simplesmente uma decodificação.

Ler é muito mais que sonorizar as letras e relacioná-las aos aspectos que compõem a fala, pela simples razão de que o sistema de escrita não representa apenas os sons, mas também outras questões vinculadas ao significado (o papel de uma letra maiúscula, o espaço entre as palavras, as diferenças ortográficas de palavras de igual pronúncia, o significado e a entonação dos sinais de pontuação, entre outros).

Faz-se necessário mencionar que o domínio do código escrito é importante, entretanto, a criança pode gerar conhecimentos próprios e complexos sobre a escrita, não se limitando ao reconhecimento da letra ou ao tipo de unidade (letra, sílaba, palavra e frase) uma vez que já traz consigo um repertório ao ingressar na escola. Naturalmente, fatores de ordem sócio-cultural influenciam o estágio que

se encontram, mas a maioria das crianças segue passos semelhantes antes de se apropriarem do sistema de escrita.

Emilia Ferreiro (1991), a partir de sua pesquisa psicolingüística, chega à conclusão da existência de níveis sucessivos de aprendizagem da escrita. Em cada nível a criança elabora hipóteses a respeito dos processos de construção da leitura e da escrita, baseando-se na compreensão que possui destes processos. Assim a mudança de um nível para o outro só irá ocorrer quando a criança se deparar com questões que o nível em que se encontra não poder explicar, o que implicará em utilizar novas suposições.

Vejamos a seguir os níveis:

1. Nível pré-silábico – a criança produz riscos ou rabiscos, que podem ser separados, linhas retas e curvas, rabiscos ondulados e outros. Nesse nível a criança utiliza as letras convencionais ou outros símbolos quaisquer para escrever o que deseja. Não estabelece, ainda, vínculo entre a fala e a escrita.

Segundo GROSSI, "... a criança associa às imagens a capacidade de expressar aspectos do real e nem suspeita que o conjunto de risquinhos se possa fazer o mesmo". (1990:33).

A criança usa letras e alguns numerais sem nenhuma relação com os segmentos sonoros das palavras. Nesse momento inicial, a escrita é, para a criança, algo oposto a tudo o que não considera um desenho. Seu repertório de traços gráficos, no entanto, ainda não permite diferenciar sua intenção ao desenhar ou escrever, tornando-se necessário perguntar à criança qual foi de fato o seu objetivo.

A criança seguirá fazendo várias tentativas para que suas produções se assemelhem formalmente à escrita social, quer buscando registrar diferenças entre as palavras por meio de diferentes quantidades de letras, quer experimentando

novas posições ou variações das letras empregadas para a “escrita” de suas palavras.

Dentro desse nível existe uma subfase, porém, mais evoluída, por exemplo, a criança já descobre que existem nomes diferentes para coisas diferentes.

Ex: BACE (maçã)

CEAB (limão)

É relevante falar que nesse nível a criança supõe que a escrita representa os objetos e não seus nomes: coisas grandes devem ter nomes grandes, coisas pequenas devem ter nomes pequenos. Para a criança, **avião** seria uma palavra grande e **abelha** seria uma palavra pequena.

2. Nível silábico – a hipótese representa um salto qualitativo no processo de construção da escrita pela criança, já que é a primeira hipótese que de fato obedece a um critério relacional entre linguagem escrita e linguagem oral, é a chamada correspondência sonora onde a criança trabalha com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala, para ela, cada letra representa uma sílaba.

Ao pedir a uma criança para escrever as palavras, gato e mato, ela poderá representar com as letras **AO**. Ao pedir a uma criança que leia o que escreveu, vai descobrir que as grafias são iguais, o que levará a um conflito.

Para GROSSI, “O nível silábico é um momento especial propício à escrita, porque a hipótese que cada sílaba pode ser escrita por uma letra é uma solução incompleta para explicar o sistema que estrutura nossa língua escrita, mas que satisfaz à criança naquele momento”. (1990:69).

Nessa fase, a criança supõe que deve escrever tantos sinais quantos forem às vezes que mexe a boca, ou seja, para cada sílaba oral corresponde uma letra ou um sinal: em frases, pode escrever uma letra para cada palavra.

A partir desse nível, se o educador conhece o contexto da situação da escrita, poderá “ler” as produções dos alunos, sem necessidade de pedir que eles, autores, leiam o que escreveram.

3. Nível alfabético – é a fase que a criança já venceu as barreiras do sistema de representação da língua escrita, tornando-se capaz de fazer uma análise sonora dos fonemas das palavras que escreve, ou melhor, o nível alfabético representa a conquista definitiva do sistema de escrita por meio do reconhecimento, pela criança, de que cada letra representa um som.

FERREIRO nos lembra que “Escrever não é transformar o que se ouve em formas gráficas, assim como ler também não equivale a reproduzir com a boca o que o olho reconhece visualmente”. (1991:55).

Ao reconstruir o sistema lingüístico, compreendendo sua organização as escritas dos alunos, passam a apresentar quase todas as características do sistema convencional, entretanto, algumas perguntas e respostas sobre outros aspectos da escrita precisam ser formuladas e respondidas, por exemplo, como se dá a separação entre as palavras, quais são as regras de pontuação e as normas ortográficas?

Esse nível é de suma importância porque a criança compreende que a escrita tem uma função social: a comunicação.

Faz-se necessário mencionar que conhecer esses processos de compreensão infantil dota o alfabetizador de um valioso instrumento para identificar momentos propícios para fazer uma boa intervenção.

1.3. O sujeito alfabetizado é um leitor?

Ler não é apenas decodificar, caso contrário todos interpretariam um mesmo texto da mesma forma e com o mesmo objetivo.

O ato de ler não é um ato passivo durante o qual o que o "escritor" expressa, passa automaticamente para a compreensão do leitor. Leitura exige acima de tudo compreensão. Às vezes o educando decodifica um texto, mas não o entende. Isto acontece algumas vezes com o leitor, quando este devido algum problema de ordem cognitiva, acaba fazendo a "leitura decodificada", ou seja, sem compreensão. Portanto não podemos afirmar que o sujeito alfabetizado é um leitor, principalmente quando este foi alfabetizado com o método silábico, em que a leitura é feita através da junção de sílabas, utilizando o famoso "ba - be - bi - bo - bu", ou seja, sem significado para o aluno, não se ensina a ler textos e no meio social do aluno, ele não convive com sílabas isoladas e sim com frases e textos cheios de reais significados.

CARVALHO (2002) afirma que muitas vezes o educando aprende de maneira equivocada que se aprende a ler e a escrever somente para passar de ano e para copiar exercícios feitos pela professora.

Quando a leitura é confundida com mera decodificação de sinais, acaba se decretando a morte do aluno leitor.

A leitura de um texto se realiza quando o leitor lê e interpreta, para que ocorra a interpretação, ele precisa da decodificação. MARTINS enfatiza com clareza essa relação. "Decodificar sem compreender é inútil, compreender sem decodificar, impossível. Mas que se pensar a questão dialeticamente". (1994:32)

O leitor quando desempenha bem seu papel, ou seja, usa a decifração e a compreensão, torna-se um mediador entre o autor e o mundo que o cerca. O leitor precisa decodificar a mensagem que está sendo transmitida e perceber as intenções que estão por trás do texto.

A leitura é um processo pelo qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir do que está buscando nele, do conhecimento que já possui a respeito do assunto, do autor e do que sabe sobre o gênero do texto. Ninguém pode extrair informações do texto escrito decodificando letra por letra, palavra por palavra.

Se uma pessoa analisar sua própria leitura, vai constatar que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza para ler, a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias, isto é, de recursos para construir significado, sem elas não é possível alcançar rapidez e eficiência.

O leitor utiliza diversas estratégias para compreender um texto, dentre elas estão: estratégias de seleção, o leitor seleciona o que tem de relevante para ele dentro de um texto. Usa a chamada antecipação, antecipam informações com base nas "pistas" que vai percebendo durante a leitura. Muitas das vezes, essas antecipações ocorrem por certa familiaridade que se tem com o título, com o gênero e o com o autor de um determinado texto.

O leitor também faz inferências, ou seja, deduções, esta estratégia ocorre quando o leitor entende o que não está no texto de forma explícita, ou seja, é aquilo

que "lemos" mas não está escrito e o leitor faz isso através de seus conhecimentos prévios.

O ato de ler ativa uma série de ações na mente do leitor pelas quais ele extrai informações. Essas ações ou "estratégias de leitura" passam, na maioria das vezes despercebidas em nível de consciência. Elas ocorrem simultaneamente, podendo ser mantidas e modificadas durante a apropriação do conteúdo.

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de estratégias para se realizar a interação texto-leitor, ou seja, a leitura envolve a busca de significado de um texto e se processa na medida em que o leitor consegue interagir com ele. Sabe-se, no entanto, que essa interação é diferenciada para cada leitor, pois depende dos seus conhecimentos sobre o assunto e de seus interesses e objetivos.

Quanto aos objetivos, há que se considerar sua variedade e amplitude, ler por prazer, ler para tirar dúvidas, entre outros. A melhor forma de alcançá-los certamente, depende de como os conhecimentos e os interesses de cada leitor são correlacionados com as estratégias de leitura.

O conhecimento das estratégias de leitura é de fundamental importância para o professor, pois lhe permitirão melhor compreensão dos mecanismos acionados pela mente do leitor, subjacentes ao ato de ler. E assim poderá auxiliar o aluno a ler com propriedade e eficiência. Essas estratégias são processos cognitivos, conscientes ou inconscientemente efetuados pelo leitor, que facilitam a compreensão da leitura, tornando-a mais ágil.

Segundo NASPOLINI, "... há uma relação recíproca entre usar estratégias de leitura e interpretar o texto. Emprega-se uma estratégia porque se está entendendo o texto entende-se o texto porque se está aplicando a estratégia".

(1996:24). Não se trata de etapas ou estágios que se sucedem no tempo, na maioria das vezes, ocorrem na mente do leitor, de modo simultâneo ou sucessivo.

A leitura deve ser ativa, cumpre ao professor, estimular a classe a descobrir as intenções do autor e a identificar as pistas que levam aos significados e à elaboração do próprio texto. Cabe ao professor, também, trabalhar com atividades que impulsionem a criança a ler com olhar observador e a aprender a inferir, para desenvolver o senso crítico.

Ler um texto representa uma busca constante de significados, de sentidos. Entretanto, é preciso deixar claro que dificilmente, isso ocorrerá sem que haja antes uma preparação. Para que esta tarefa se processe de maneira prazerosa e eficaz é fundamental preparar o aluno desde o início, desde os primeiros contatos com a leitura.

SILVA enfatiza que, “As competências de leitura crítica não aparecem automaticamente: precisam ser ensinadas, incentivadas e dinamizadas pelas escolas no sentido de que os estudantes desde as séries iniciais, desenvolvam atitudes de questionamento perante os materiais escritos”. (1998:27).

Na maioria das vezes, é cobrada essa leitura fluente do aluno, mas isso não é ensinado. É como se uma pessoa fosse cobrar alguém que não lhe deve nada. É a tal da incoerência que ocorre tantas vezes em nossas escolas.

Devido às inúmeras estratégias que o leitor utiliza para realizar uma leitura, e das constatações escritas acima é que não podemos afirmar que o sujeito alfabetizado é um leitor. MARTINS (1994) menciona que não podemos deixar de falar que às vezes, o sujeito alfabetizado se limita apenas a fazer leituras com fins eminentemente pragmáticos. Na maioria das vezes, o sujeito alfabetizado, só efetiva a leitura com fins práticos, como por exemplo, ler o manual para fazer a

instalação de um eletrodomésticos, ler uma bula, ler uma notícia no jornal sobre emprego etc.

O cidadão de hoje vive em uma sociedade letrada e tecnológica. A realidade cria, a todo momento, desafios que exigem uma visão mais crítica e ampliada sobre os recursos que estão a nossa volta. Não basta ao indivíduo saber escrever seu nome e ler e compreender textos simples, é preciso que ele seja capaz de executar as práticas sociais de leitura e de escrita, bem como saber localizar e obter uma informação, produzir informações escritas associadas às práticas de linguagem oral; além de saber localizar e utilizar os materiais escritos que circulam em seu meio. Todo esse conhecimento auxilia o indivíduo na resolução de problemas do cotidiano, contribuindo assim para um comportamento real de leitor e de produtor de texto em diferentes situações de uso da linguagem.

1.4. Como a escola está trabalhando o processo de leitura?

Mesmo antes de entrar na escola, os alunos já têm uma larga experiência com o mundo letrado, contato este que é feito através do meio social em que o aluno está inserido.

É interessante notar que muitas vezes o aluno "ao chegar na escola", já traz de seu mundo (do próprio lar e da comunidade que faz parte) uma gama de conhecimentos, embasado principalmente em experiência de linguagem oral. Esse conhecimento deve ser respeitado e valorizado, pelo professor. Entretanto, na maioria das vezes, isto não é levado em consideração, o aluno é tratado como um ser vazio, sem nenhum conhecimento, pronto apenas para receber, é a chamada educação bancária que Paulo Freire (1992:16) tanto criticou, mas que infelizmente

continua acontecendo em nossas escolas e quem é educado assim tende a tornar-se alienado, incapaz de ler o mundo criticamente.

A leitura precisa ser trabalhada considerando toda a diversidade existente dentro da sala de aula, ou melhor, dentro da escola. Precisa ser trabalhada de modo que as crianças possam acolhê-las e integrá-las, desenvolvendo e ampliando sua capacidade de comunicação e de expressão.

As atividades propostas pela escola a partir de um texto, transformam a leitura, muitas vezes, para o aluno numa atividade enfadonha. Lê-se o texto para cumprir tarefas, dando-se à leitura um caráter de obrigatoriedade. E muitas vezes, esse texto é totalmente desvinculado de sua realidade, o que acaba não causando nenhum tipo de interesse para o aluno. SOLÉ nos lembra que "... uma atividade de leitura será motivadora para alguém se o conteúdo estiver ligado aos interesses da pessoa que tem que ler".(1998:43).

Sabe-se que a leitura é essencialmente uma busca de sentido e é um processo de construção, ou seja, a leitura deve ser significativa para o educando, ele precisa ter contato com textos, através dos quais ele perceba a funcionalidade e as características de cada um.

A instituição escolar, de maneira geral, tem realizado um trabalho com texto que prepara o educando muito mais para escrever, no sentido restrito de copiar, do que para ler, ou seja, ela não está conseguindo realizar sua função primordial que é ensinar a ler e a escrever.

Essa idéia é reforçada pelas palavras de ALVES (2002:02), " Penso que de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e jovens, não há nada de importância, maior que o ensino da leitura". Desse modo, cabe à escola a formação e o desenvolvimento do hábito de leitura e sua responsabilidade aumenta, quando

esse hábito não é cultivado nos lares dos educandos, geralmente, afetados por problemas sócio-econômicos. Quanto mais a família não propiciar materiais de leitura para a criança, mais sobrecarrega o compromisso da escola, compromisso este, que não se restringe ao ensinar a "ler", no sentido de decodificar, mas sim de trabalhar para formação de alunos leitores.

Cabe a escola também garantir aos alunos o domínio da língua oral e escrita, pois é ela o instrumento que, possivelmente, poderá criar possibilidades de acesso a uma vida social plena. Este fato é tão importante que quando a escola faz omissão a este problema, acaba ocasionando muitas vezes a repetência e a evasão escolar tão comum nas escolas brasileiras.

Faz-se necessário mencionar que a escolar tem a incumbência de ensinar a ler, entretanto, na maioria das vezes, ela tem feito isso de maneira mecânica, valorizando apenas o reconhecimento de palavras e frases, se o educando vivenciar situações que valorizem somente o reconhecimento e a decodificação da linguagem escrita não entenderá o verdadeiro sentido da leitura, a compreensão. Esse é um dos motivos, do elevado índice de alunos que não gostam de ler e por que iriam gostar, se a leitura não lhe traz compreensão, ou seja, lêem, mas não compreendem?

É preciso deixar claro que dificilmente o aluno conseguirá compreender sozinho, sem a intervenção do professor e este é quem o conduzirá à compreensão, por isso que é de fundamental importância que o professor compreenda como a criança aprende a ler, e o processo cognitivo que envolve a leitura, são conhecimentos básicos, para o professor realizar uma boa intervenção.

CAGLIARI (1999) salienta que de todas as atividades boas que a escola oferece aos alunos, é a leitura sem dúvida a melhor, a grande herança da educação.

Essa relevância à leitura é fundamental porque de tudo o que aprendemos na escola está intrinsecamente ligada à leitura, não é somente na disciplina de Língua Portuguesa que o aluno ler, ou seja, que ele efetiva a leitura para realizar as atividades escolares, nas outras disciplinas ele também precisará dela para construir seu conhecimento. Os conhecimentos que a professora aborda nas aulas, também são construídos basicamente a partir da leitura.

Das atividades propostas pela escola, a leitura está no bojo de cada uma delas, de maneira explícita ou implícita, entretanto, à escola não valoriza a relevância da leitura em suas atividades cotidianas, se ela fosse cultivada, a maioria das pessoas não se limitariam à leitura com objetivos pragmáticos como: orientar-se na cidade grande, ler e assinar documentos.

Em se tratando de leitura na escola, existe uma certa incoerência, pois se na maioria das atividades desenvolvidas por ela está incluído a leitura, por que não há um número elevado de leitores nas escolas?

A leitura conduz à abertura de novos horizontes, amplia a visão de ser humano para o mundo, faz com que o indivíduo observe o velho com um olhar novo e isso causa "perigo". Para que formar leitores, se o sistema capitalista que temos, objetiva cada vez mais uma sociedade homogeneizada, onde todos possam estar conformados com a realidade existente?

A leitura é a porta de entrada para a criticidade e sendo críticos, nossos alunos vão reclamar, contestar, reivindicar e desmascarar esse sistema opressor que temos.

Partindo desse pressuposto é que se pode falar do fato de ter poucos alunos leitores e jogar toda a culpa na escola. Portanto, trata-se de uma causa

maior, que vem de cima, ou seja, as regras são ditadas por aqueles que detêm o poder e existe uma hierarquização para chegar até à escola.

Por ser a leitura uma prática social, "ela está diretamente ligada aos modos de organização e de produção da existência" (Silva, 1998:21). A leitura é uma faca de dois gumes, ela serve tanto para tornar o aluno crítico, quanto para torná-lo um alienado, e este último é objetivo daqueles que detêm o poder econômico e político, uma sociedade de alienados, torna-se fácil manobrar.

SILVA menciona bem este tópico "... a escrita como qualquer outro meio de comunicação numa sociedade dividida em classes, pode servir a propósito de alienação ou de emancipação/libertação" (1998:24). É preciso deixar claro que a presença cada vez maior de leitores críticos na sociedade será capaz de transformar o meio em que vivem, por isso que estes leitores incomodam tanto os detentores do poder. Um aluno que sabe, que é consciente dos seus direitos e deveres é capaz de saber reivindicá-los na sociedade, por exemplo, o educando que sabe que a merenda escolar é um direito seu, no dia em que faltar, ele saberá reivindicar ao órgão competente. E isso é o resultado da leitura de sua própria realidade.

Mas, para se chegar a esse nível de leitura é essencial que se vivencie práticas significativas de leitura, convivendo com bons leitores que, no contexto escolar, seriam os professores, mas nossos professores são, realmente, leitores? Possuem uma sólida formação no campo da leitura? Gostam de ler? Se o professor não ler, se não tem o hábito de leitura, como ele vai formar leitores?

SILVA enfatiza isso muito bem.

Convém refletir sobre aqueles condicionamentos que afetam o trabalho de leitura dos professores em termos de formação, atualização, busca por livros, vontade e prazer de ler... a pessoa do professor constitui o principal fator para a formação de leitores dentro da organização escolar. sem professores que sejam leitores maduros e assíduos, sem professores que demonstrem uma convivência sadia com livros e outros tipos de materiais escritos, sem professores capazes de dar testemunhos vivos de leitura, fica muito difícil, senão impossível planejar organizar e instalar programas que venham

transformar para melhor, os atuais procedimentos voltados ao ensino da leitura (1998:69).

Se o professor não cultiva o ato de ler dificilmente, promoverá um bom ensino de leitura, geralmente, a leitura de alguns professores é restrita aos livros didáticos e às vezes aos jornais, e algumas revistas, isto pouco pode contribuir ao aprendizado eficaz da leitura. Na maioria das vezes, o professor por não ter o hábito de ler e por não gosta de ler, não valoriza, não enfatiza e não dá muita importância para leitura, porque ele próprio não tem interesse pela mesma.

SOLE (1998) lembra que é muito difícil alguém que não sinta prazer com leitura consiga transmiti-la aos demais. Ao ler o professor precisa sentir e mostrar para os alunos o verdadeiro "sabor" da leitura. Às vezes a leitura que o professor faz não conduz motivações porque é uma leitura feita desmotivadamente, sem sentimento, sem emoções e a boa leitura envolve tudo isso. Uma leitura feita pelo professor em voz baixa e sem entonação, dificilmente motivará os alunos para uma boa leitura, principalmente, quando eles não vivenciam essa prática em casa, sendo, portanto, o professor sua inspiração imediata. E quando este não faz bom uso da mesma, torna-se difícil para o aluno tornar-se bom leitor.

Segundo LANDSMAN, "Nossa concepção do estado final de certo conhecimento é importante, ou seja, quando se explica para a criança o objetivo de uma certa atividade, a tendência é de ela executar a tarefa refletindo sobre suas ações, cessa-se a idéia de aprendizado aleatório." (1998:46).

Faz-se necessário mencionar que a tarefa do professor é a de mediador/auxiliador do processo ensino-aprendizagem, portanto, ele tem a incumbência de garantir que a leitura e sua aprendizagem façam sentido. Os nossos alunos precisam encontrar sentido na leitura, precisam ver maneiras de empregar a leitura para ampliar seus objetivos e interesses, por isso que é de

fundamental importância a leitura do professor em sala de aula. Entretanto, sabe-se que não é bem isso que acontece em algumas escolas brasileiras. Alguns professores esquecem sua função e encaram a leitura com um castigo para o aluno (você se comportou mal? Castigo, ler um livro na biblioteca), agindo dessa maneira, eles estão simplesmente decretando a morte do leitor, porque se o aluno concebe a leitura como um castigo, que interesse e entusiasmo, este vai ter com ela? Os professores não mostram, não esclarecem para os alunos o que se ganha, o que se obtém com a leitura, sua função social, a importância da mesma em nosso cotidiano. Deixar claro para o aluno porque se lê, já é um bom caminho para dar significado, sentido à leitura.

No meio social o aluno convive com diferentes suportes de leitura (jornais, letreiros, bulas de remédios, receitas, folhetos etc), entretanto, na escola, o que acontece na maioria das vezes, é que o único suporte de leitura que o aluno usa, é o tão famoso "livro didático".

Segundo ZILBERMAN, "O livro didático exclui a interpretação e, com isso, exila o leitor. (1986:21). Os livros didáticos em sua grande maioria são cheios de respostas fechadas, interpretação, que não leva o aluno a pensar antes de responder, as perguntas são tão bobas, que as respostas estão explícitas nos textos, elas são do tipo: "Joana comeu a banana". Pergunta-se: quem comeu a banana? CAGLIARI ressalta, "Ora, perguntar isso a uma pessoa é uma forma de chamá-la de burra, de aviltá-la como falante nativo". (1992:180)

Como a resposta é tão clara, anula a experiência do educando, fazendo com que ele seja apenas um mero repetidor de respostas do livro e o resultado desta prática é a diminuição, paulatinamente, da criticidade do aluno.

Faz-se necessário enfatizar que o texto na escola, às vezes, é utilizado como pretexto, ou seja, usa-se o texto com um único objetivo, trabalhar a gramática.

Para SILVA “Seria bom que a escola se preocupasse menos com a escrita, especialmente, com a ortografia, e desse maior ênfase à leitura desde a alfabetização”. (1999:168)

A escola em termos de ensino de leitura fracassa bastante, prova disso, é a ênfase dada à escrita, principalmente ao estudo dos conteúdos gramaticais. Muitos autores abordam esse assunto, falando da prioridade que a escola dá a escrita em detrimento da leitura, trabalhando assim, a escola desvia-se do seu dever maior que é a formação de leitores críticos e dessa maneira, ela trabalha o processo inverso, pois como já foi abordado antes, quem lê interioriza regras gramaticais básicas e aprende. É através da leitura de diversos textos que os alunos vão, aos poucos, se familiarizando com as regras gramaticais e também com a ortografia, tão trabalhada na escola, completamente desvinculada da leitura de textos com significado para os alunos.

Os textos na escola servem de pretexto para trabalhar com atividades de “interpretação”, vocabulário e fixação da norma culta. Esta prática reduz gradativamente o gosto do aluno para com a leitura, pois, muitas das vezes, a escola não trabalha partindo da realidade, não considera os diversos dialetos em sala de aula e enfatiza-se apenas a norma culta, não que esta não seja importante, mas sim dizer que se deve trabalhar respeitando a bagagem cultural do aluno.

De acordo com KLEIMAN, “O texto não deve ser usado como pretexto para o ensino de estruturas gramaticais e de vocabulário; porém, o texto é o lugar ideal para reflexão sobre o uso da linguagem”. (2004:11).

Utilizando o texto como pretexto, o professor corre o risco de não proporcionar ao aluno o que tem de mais sublime na leitura, o prazer e essa reflexão, não somente, sobre o uso da linguagem, mas também sobre a própria existência tanto como ser quanto como sujeito, cidadão.

A leitura é secundarizada na escola, esta, prioriza muito o escrito não leva em consideração, que a leitura melhora consideravelmente a escrita, ou seja, o leitor adquire conhecimentos da língua escrita através da leitura de bons textos, mas dificilmente, o aluno tem acesso a este tipo de leitura na escola.

É de suma importância trabalhar com a diversidade textual afim de que o aluno, sistematicamente, aprenda a ler e a escrever os diversos gêneros que estão presentes na sociedade em que vive. A criança deve ser levada a perceber que todo texto se organiza dentro de determinada tipologia, e que os vários gêneros existentes, por sua vez, estão organizados de acordo com seus conteúdos temáticos, seu estilo e sua construção. Entretanto, para que isso se realize é necessário que se trabalhe com diversos textos desde os primeiros anos escolares do aluno e dificilmente, isto acontece na maioria das escolas.

Segundo LERNER, "...desde o princípio a escola deve fazer as crianças participarem de situações de leitura e de escrita: é necessário por à sua disposição materiais escritos variados e bons textos para que tenham oportunidade de conhecer diversos gêneros e possam fazer antecipações, fundadas nesse conhecimento". (2002:41).

Sabemos que o leitor utiliza estratégias de leitura, como: seleção, antecipação, inferência, entre outras, portanto, quanto mais experiências de leitura o leitor tiver, mais facilidade e agilidade fará suas estratégias, efetivando uma boa leitura.

É importante salientar que em algumas escolas a leitura é vista como um instrumento de apoio para trabalhar outras atividades, os alunos não são estimulados para o ato de ler, os espaços escolares não são dotados de bibliotecas que tenham uma boa estrutura e um acervo que possa contribuir para o desenvolvimento da capacidade de ler.

1.5. A maneira como a escola está trabalhando o processo de leitura, se reflete na vida do aluno.

A escola trabalha com a leitura para um único público, não levando em consideração as particularidades de cada aluno e isto acaba sendo um dos grandes entraves para a efetivação do aluno leitor.

Um aluno que em casa tem acesso a diversos materiais de leitura, como: Jornal, revistas, livros, e que é acostumado a ouvir histórias, que vê seus pais lendo jornal todos os dias, que brinca com papel e caneta, este aluno terá mais facilidade com leitura do que o aluno que é privado destes materiais devido à situação sócio-econômica.

A desigualdade sócio-econômica é um fator que propicia entraves no ensino da leitura, pois impossibilita que os menos favorecidos tenham acesso à leitura de diversos escritos, o que desta forma propicia a não prática da leitura, desencadeando assim a falta de consciência crítica e analítica do mundo da criança.

Como a maioria dos alunos não é oriunda de ambientes letrados, ou seja, em casa eles não têm contado com materiais de leitura, a escola deve proporcionar diversas situações para envolver os alunos com a leitura. É preciso deixar claro que essa situação dificilmente acontece. Se o aluno não mantém contato com a leitura

em casa e muito pouco na escola, que interesse este vai ter para com a leitura? A escola tem o dever de estimular o gosto pela leitura, principalmente em se tratando de alunos de classes menos favorecidas, que são a maioria e estão presentes nas escolas.

Se a escola não tiver a preocupação de formar alunos leitores, teremos cada vez mais uma classe maior, de pessoas dominadas, sem "armas" para lutar contra a classe dominante. A sociedade contemporânea que é marcada por injustiças sociais, racismos, analfabetismos, se torna cada vez mais relevante à presença de leitores críticos capazes de lutar por mudanças sociais.

SILVA menciona "...A conservação e reprodução dos esquemas de privilégio dependem fundamentalmente, da ignorância e do conformismo, aqui tomados como forma de escravização de consciência" (1998:23).

É por isso que é de fundamental importância a presença de leitores críticos na sociedade. É partir da interpretação da leitura que indivíduo irá fazer relações, argumentar, concluir e avaliar, podendo assim posicionar-se diante do que leu.

Quando a escola se omite a trabalhar com a leitura crítica, com seus alunos, ela perde uma de suas funções primordiais e fica incompleta na sua função social, e o que é pior, não contribui para o processo de transformação social. Com essa omissão da escola, o perdedor maior, é o aluno de classe menos favorecida, e este precisa estar "armado" contra as injustiças sociais e esta "arma" é sem dúvida, o conhecimento crítico que ele constrói na escola, quando esta trabalha com responsabilidade, com compromisso social".

LERNER fala que "Se o aluno não tem direito de atuar como leitor reflexivo e crítico na escola, qual será a instituição social que lhe permitirá formar-se como tal?" (2002:37).

A leitura na escola deve ter como objetivo levar o aluno à análise e a compreensão das idéias dos autores, e a buscar no texto, os elementos básicos que fazem sentido ao texto. É muito importante que o aluno, se envolva, se emocione, adquira uma visão ampla do mundo que o rodeia, através da leitura.

É importante enfatizar que o acesso ao mundo cultural, se dá basicamente, através da leitura. Como o aluno vai ter acesso a outras culturas, se a escola não lhe motiva o gosto e o interesse pela leitura?

Sobre este assunto SILVA afirma :

... o ato de ler, via de acesso para apropriação dos bens culturais registrados pela escrita, é um atributo único e exclusivamente humano. Esta vinculação é importante à medida que revela o poder peculiar do homem em "ler" os dados da realidade, analisá-los, transformá-los e registrá-los em seu próprio benefício cultural e histórico. (1997:45)

É através do acesso aos bens culturais que o educando vai aprimorando seus conhecimentos, para deixar de ser um mero repetidor ou reproduzidor das idéias alheias e transformar-se em um agente ativo e criador, promovendo sua autotransformação e transformação do meio em que vive, sendo capaz de exprimir opiniões próprias do sobre o que leu.

A leitura aproxima o indivíduo de múltiplas culturas e contribui, essencialmente, para a própria cultura do leitor, tendo em vista que é enorme o déficit que assola os alunos das escolas públicas.

Sabe-se que são gritantes as mazelas do contexto sócio-econômico e cultural, como: o enorme distanciamento econômico entre os diferentes segmentos sociais; o empobrecimento da classe média, o crescente número de

desempregados, a fome, a desestruturação familiar, entre outros. A maioria dos alunos é afetada diretamente por alguns desses problemas, pois vivem inseridos em comunidades acometidas por essas mazelas sociais.

KLEIMAN afirma "A leitura é uma das maneiras que a escola tem de contribuir para a diminuição da injustiça social desde de que ela forneça a todos as oportunidades para o acesso ao saber acumulado pela sociedade". (1999:91)

Faz se necessário mencionar que o educando é privado a este acesso quando a escola trabalha utilizando pequenas "doses" de conhecimento, ou melhor, trabalha com o ensino fragmentado, em vez de ler textos, os alunos decodificam letras e palavras e por último, textos, lembrando que é uma leitura decodificada, isto é, sem compreensão. E se não houver entendimento, conseqüentemente não haverá aprendizado.

É por isso, muito importante o trabalho da escola com o objetivo de formar alunos leitores autônomos, capazes de ler um texto e extrair as informações necessárias.

É preciso deixar claro que o caráter sócio-cultural e interativo para o aprendizado da leitura é acima de tudo, pelo gosto da leitura, tornando-se necessário que a escola ofereça meios, recursos e situações favoráveis para que o educando se transforme no principal ator do seu próprio processo de aprendizagem, de compreensão, de construção e de recriação do mundo. No entanto, os alunos não estão sabendo ler um texto escrito e tirar dele as conclusões e reflexões logicamente permitidas. SOLÉ afirma que "... se ensinarmos um aluno a ler compreensivamente e aprender a partir da leitura, estamos fazendo com que ele aprenda a aprender, isto é, com que ele possa aprender de forma autônoma em uma multiplicidade de situações". (1998:47).

O aluno precisa aprender a múltiplas funções da leitura sua importância social, sua relevância para o aprendizado, pois a leitura proporciona o contato com o novo, com outras culturas e com outras formas de perceber a realidade. Para que esta resposta seja construída, o aluno precisa de uma boa intervenção do professor, para que ele possa compreender a importância do ato de ler. Para o conhecimento sobre ele, sobre o outro e sobre o mundo em que vive.

A relevância da escola como meio de ação cultural, apresenta-se como fundamental na formação de alunos leitores. É preciso, por um lado, conhecer as práticas, possibilidades e potencialidades de leitura com as quais o educando interage em seu meio familiar e social e, por outro lado, ampliar as práticas de leitura da escola.

Dessa forma, as crianças poderão reconhecer algumas práticas com as quais têm alguma familiaridade e conhecer aquelas que não fazem parte de seu meio, incluindo a leitura virtual que é uma prática cada vez mais cotidiana nas sociedades letradas.

Os educandos precisam encontrar sentido na leitura; portanto, a escola deve garantir que ela e a sua aprendizagem sejam significativas. Há muitas maneiras pelas quais as crianças podem ter experiências com a linguagem escrita, que são interessantes e cheias de significados, pode-se garantir que as crianças tenham oportunidades de ler freqüentemente, diferentes gêneros textuais e se familiarizar com cada um.

O professor precisa ler cuidadosamente os textos escolhidos para serem trabalhados na sala de aula, afim de que possa fazer as possíveis intervenções, auxiliando assim os alunos na construção do comportamento leitor.

É possível ler junto com os alunos, ressaltando os procedimentos de leitura para que o aluno possa se apropriar destes, como: ler um texto e diante de uma dificuldade de compreensão, avançar no texto buscando elementos que permitam compreender melhor ou voltar atrás quando se perdeu uma informação relevante, resolver dúvidas sobre o significado de uma palavra ou expressão formulando hipóteses baseadas no contexto, estabelecendo relações lexicais com palavras conhecidas, procurando no dicionário e escolhendo o significado mais consistente com o sentido do texto.

O professor deve estimular o gosto de seus alunos pela leitura, oferecendo um leque de opções mais amplo possível, visando o aprendizado da leitura de forma mais democrática, no sentido de permitir a expressão individual dos educandos. Por tudo isso é importante que o professor seja, antes de tudo, um bom leitor, isto é, que tenha um bom repertório de leituras, sendo assim o facilitador da aprendizagem de forma prazerosa e significativa.

CAPÍTULO II

2. Abordagem Metodológica

O mundo da leitura e da escrita está fortemente presente no cotidiano dos educandos, a leitura é fundamentalmente, uma prática social, portanto, todos os indivíduos têm o direito de se transformar em leitores da palavra escrita, ter acesso a bons textos, entretanto; é marcante a presença de pessoas não leitoras na sociedade em que vivemos.

Partindo desse pressuposto, buscamos compreender **Como está sendo realizado o trabalho de desenvolver no aluno o gosto pela leitura** na 3ª série da Escola "X" de Ensino Fundamental, no município de Canaã dos Carajás – PA. Foi utilizada a pesquisa de tipo qualitativa em educação, pelo fato do nosso fenômeno estudado ser considerado dinâmico e complexo e por valorizar o ambiente natural como principal fonte de dados e informações.

LUDKE e ANDRÉ (1986) afirmam que para a realização desta pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas e o conhecimento teórico acumulado sobre determinado assunto. Este trabalho é de cunho descritivo, pois teve como caminho para a sua concretização, a realização de observação, entrevista e consultas bibliográficas.

Segundo Barros (apud NUNES, 2001), a pesquisa descritiva é aquela onde o pesquisador registra, analisa e correlaciona os fatos ou fenômenos (variáveis sem manipulá-las). Neste tipo de pesquisa não há interferência do pesquisador, isto é,

ele não manipula o fenômeno pesquisado, os dados são analisados, respeitando toda a riqueza contextual.

Convém ressaltar que para a coleta de dados, recorreu-se a uma observação direta, em sala de aula, e de entrevistas. No primeiro momento da pesquisa de campo efetivou-se uma observação num período de oito semanas, o equivalente a carga horária de 152 horas. (05 de outubro a 29 de novembro de 2004) Sendo que as observações foram feitas no período integral das aulas, exceto, nas atividades de recreação e cálculos matemáticos.

LUDKE e ANDRÉ, afirmam que "Usada como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado ...permite também que o observador chegue mais perto da "perspectivas dos sujeitos", um importante alvo nas abordagens qualitativas," (1986:26)

O contato direto do pesquisador com os sujeitos facilita uma melhor visão da ocorrência de um determinado fenômeno. O pesquisador também pode contar com o auxílio de seus conhecimentos prévios, contribuindo para o processo de compreensão e interpretação da situação (realidade) pesquisada.

BOGDAN e BIKLEN também abordam a importância da pesquisa qualitativa: "Os investigadores qualitativos freqüentam o local de estudo, porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser, melhor, compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência". (1994:48)

O entendimento do contexto facilita a interpretação e a compreensão das ações dos sujeitos pesquisados.

Adotou-se a postura de **participante observador**, pelo fato de não explicitar aos sujeitos pesquisados o verdadeiro objetivo da pesquisa, com a preocupação de não alterar o comportamento destes.

Outro método de coleta de dados foi à entrevista realizada com os alunos e com a professora da 3ª série da escola pesquisada. Este método consiste na captação imediata de informações que se deseja obter.

LUDKE e ANDRÉ falam que o entrevistador "... precisa estar atento, não apenas as respostas verbais que vai obtendo ao longo da interação. Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não verbais, hesitações, alterações de ritmos, enfim, toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito." (1986:36)

É preciso estar atento para o fato de que esse método de coleta de dados exige do pesquisador uma atenção especial para não subjetivar a pesquisa, ou seja, requer imparcialidade diante dos fatos.

O alvo da pesquisa era investigar (não só no âmbito da sala de aula, mas também do convívio familiar) como se dá o processo de aprendizagem do gosto pela leitura dos discentes da 3ª série e como a professora age diante desse processo. Houve a necessidade de investigar o problema a partir de um referencial teórico, utilizamos os textos de autores, como: Silva, Cagliari, Lerner, Freire, Kleiman, Solé, Abramovic, entre outros, estes autores discutem com riqueza a relevância da leitura no cotidiano dos indivíduos.

A pesquisa foi realizada na escola, na qual (atuo como professora de 1ª série) tanto os alunos, quanto a professora se mostraram bastantes receptivos. A sala é composta por 29 (vinte e nove) alunos, sendo que 15 (quinze) são repetentes.

A escola pertence à rede municipal de ensino, funciona com três turnos, matutino, vespertino, com o ensino de 1ª a 4ª séries, e noturno com o Ensino de Jovens e Adultos. (EJA). A maioria dos alunos é oriunda de classe média baixa. O prédio da escola é composto por 22 (vinte e duas) salas de aulas, uma secretaria, sala da direção e vice-direção, sala dos professores, refeitório e uma biblioteca. As salas são bem arejadas e têm espaços adequados. A referida instituição localiza-se no centro da cidade, na Rua Teotônio Vilela s/n.

O quadro profissional de ensino fundamental (1ª a 4ª) é formado por 44 (quarenta e quatro) professoras, sendo 22 (vinte e duas) no turno matutino e 22 (vinte e duas) no vespertino. Dessas a maioria não tem curso superior, algumas professoras estão cursando o normal superior, inclusive a professora da sala pesquisada, por uma instituição que não é reconhecida pelo MEC. A professora da sala pesquisada é funcionária efetiva do município, já trabalha há 14 anos na rede municipal de ensino de Canaã dos Carajás.

Para a realização da análise foram necessários os embasamentos teóricos e os dados obtidos no ambiente pesquisado, utilizou-se as seguintes categorias de análise: "como a professora trabalha com o processo de desenvolvimento do hábito de leitura e como os alunos agem diante desse processo", "leitura no convívio familiar e entrevista com a professora", que serão apresentadas no capítulo seguinte". É importante ressaltar que foram entrevistados os 28 alunos da turma.

Após a observação partiu-se para a entrevista, realizada com os alunos, nos dias 03 (três) a 10 (dez) de novembro (2004) e no dia 12 (doze) do mesmo mês foi efetivada com a professora. As perguntas foram previamente estabelecidas, ou melhor, semi-estruturadas, por acreditar que esse seria o caminho viável para entender o fenômeno estudado. Neste tipo de entrevista há uma relação dinâmica,

entre o entrevistador e o entrevistado, não havendo rigidez no roteiro da entrevista, deixando o entrevistado discorrer livremente sobre o assunto, entendendo que hoje o tipo de entrevista mais adequada à pesquisa realizada em educação são aquelas que utilizam formas mais livres, menos estruturadas. (LUDKE e ANDRÉ, 1986:34)

Não foi por acaso a escolha deste tema, o interesse sobre o assunto provém de experiências de vida docente e também de experiências vividas durante quatro anos, como Assistente de Biblioteca Pública, no município de Itaituba, no sudoeste do Pará. Aos poucos foram surgindo muitas indagações sobre o processo de desenvolvimento do hábito de leitura, indagações essas que impulsionaram a realização desta pesquisa.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE DA PESQUISA

Neste capítulo passaremos a apresentar e analisar os dados obtidos através da pesquisa (observação do cotidiano, entrevista com a docente e entrevista com os discentes). A análise será embasada nos pressupostos teóricos dos autores abordados neste estudo. Este trabalho tem como problema central “Como está sendo realizado o trabalho de desenvolver, no aluno, o gosto pela leitura”. Para a análise, foram selecionados os dados da pesquisa de campo, nas seguintes categorias: “Como a professora trabalha com o processo de desenvolvimento do hábito de leitura e como os alunos agem diante desse processo”, “Leitura no convívio familiar e entrevista com a professora”.

Ao analisar os dados houve a preocupação de não perder de vista os objetivos dessa pesquisa (geral) “investigar como a escola trabalha o processo de aprendizagem do gosto pela leitura dos discentes das séries iniciais (3ª série)”.

Referindo-se a primeira categoria de análise, “Como a professora trabalha o processo de desenvolvimento do hábito de leitura e como os alunos agem diante desse processo”, constatamos que a leitura não é priorizada nas atividades realizadas pela professora, pois dificilmente os alunos lêem na sala de aula.

Ao entrar na escola, o aluno já apresenta uma gama de conhecimentos prévios que são imprescindíveis às suas leituras dentro e fora do ambiente escolar. O que se pretende é ampliar tais conhecimentos, utilizando recursos que o ajudem na aquisição

de estratégias e habilidades de leitura. Entretanto, não é bem isto que acontece em algumas realidades, é o caso de uma 3ª série da escola pesquisada, a professora sempre que ler para os alunos faz uma leitura direta. Dentre os procedimentos de leitura adotados pela professora, um deles foi o seguinte:

“Peguem o livro de Ciências e abram na página 126. Acompanhem a leitura, depois vou fazer umas perguntinhas.”

Este tipo de procedimento não desafia os alunos a utilizarem as estratégias de leitura, como: antecipação e inferência, são estas que auxiliam o leitor na compreensão e interpretação de um texto. Quando o professor usa estas estratégias, faz com que os alunos participem com informações a partir de seus conhecimentos prévios, é uma ação didática que contribui para aumentar a auto-estima dos alunos e é também uma maneira deles ficarem atentos para constatar, ou não, suas antecipações em relação ao texto. As leituras compartilhadas, que a professora faz, terminam, sempre acompanhadas de duas perguntas:

“Vocês gostaram?”

“O que vocês entenderam?”

Difícilmente, haverá compreensão sem estímulo. É necessário que antes mesmo de iniciar a leitura de um texto, que o professor interroge os alunos sobre o tema a ser trabalhado e sua experiência em relação a ele, para que comecem a interagir com o assunto central da aula, passando conseqüentemente, a se envolver e a se interessar, já que a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de estratégias para se realizar a interação texto-leitor. Muitas perguntas sobre o formato do texto ou até mesmo sobre o autor, ajudam a identificar uma poesia, um conto, uma história em quadrinhos, são textos com características peculiares.

O levantamento de conhecimentos prévios é fundamental para despertar a participação ativa do grupo e, também ajudar a desenvolver a expressão lingüística, além de desafiar os alunos a criar, a imaginar o que será contado por meio da leitura.

BENCINI (2003) confirma essa análise "... dois caminhos favorecem a intimidade dos alunos com o texto: ensinar a estabelecer previsão e inferência, estratégias que são invocadas na prática da leitura, logo no primeiro contato com o texto, e que devem ser "provocadas" conscientemente pelo professor na prática de leitura. Se usadas com clareza, previsão e inferência exigem que o leitor acione conhecimentos prévios, como idéias, hipóteses, visão de mundo e de linguagem sobre o assunto".(Nova Escola, março/2003, pg.49).

Convém mencionar que há uma relação dinâmica entre usar estratégias de leitura e interpretar um texto. Emprega-se uma estratégia porque se está entendendo o texto entende-se o texto porque as estratégias estão sendo aplicadas. Só lê de maneira ativa, o leitor que confronta seus conhecimentos prévios com os textos e a partir desse confronto constrói sua própria leitura. Dificilmente, os alunos aprendem sozinhos a utilizarem as estratégias de leitura, eles precisam da intervenção do professor.

Através da leitura feita compreensivamente o leitor aprende muito, pois como já foi abordada, na maioria das atividades realizadas pela escola, a leitura está inserida em cada uma delas.

Faz-se necessário mencionar que na sala de aula pesquisada os alunos dificilmente, participam de atividades de leituras individuais ou silenciosas, quase todas as leituras efetivadas, são direcionadas pela professora, a mesma ler e os alunos acompanham nos livros didáticos e as demais atividades de leitura são realizadas pela professora. A maioria das leituras fica restrita aos livros didáticos, principalmente, nos livros de Ciências e História/Geografia e estas leituras só são realizadas porque fazem

parte dos conteúdos programáticos, ou seja, todas as disciplinas exigem, necessariamente, leitura de textos para o desenvolvimento de seus conteúdos.

Dessa maneira a leitura não é considerada relevante, algo essencial para o indivíduo ingressar e participar na sociedade letrada e se apropriar dos saberes já conquistados pela humanidade. Todo sujeito que participa de uma comunidade letrada precisa ler, isto é, compreender e usar adequadamente os diversos tipos de textos que circulam socialmente. Confirmando essa idéia, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/LP) abordam que "Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de texto de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente." (2001:54)

O professor pode oferecer ao aluno o maior número possível de leituras para que ele possa avançar e fazer leituras significativas, a partir de sua escolha.

Sobre essa análise vieram "à tona" diversos questionamentos, dentre eles: que tipo de leitores, essa escola está formando se a leitura é tratada como uma atividade secundarizada? Não há um tempo dedicado para leitura. Para formar leitores e escritores é necessário dedicar muito tempo escolar, tanto para o ensino de leitura, quanto para o ensino da escrita. (LERNER, 2002:57)

Além de não reservar um espaço para a leitura, quando esta é realizada não se utilizam bons textos, capazes de conduzir os alunos a uma reflexão.

A instituição escolar deve ter o compromisso de formar cidadãos autônomos e conscientes, tem que contribuir para que os alunos se posicionem criticamente frente ao universo de informações a que são expostos diariamente.

A professora da 3º série da escola "x" inicia sempre a aula com uma leitura, apresenta o livro aos alunos, falando o nome do autor e o título do texto, entretanto, não prepara o ambiente, por isso, faz muitas pausas na leitura para reclamar à atenção dos

alunos, que na maioria das vezes, ficam conversando com um colega, rabiscando o caderno ou folheando um livro, além do mais a leitura é realizada em voz baixa e nem sempre com entonação. Ao ler é necessário manter o ritmo, a entonação e uma pequena pausa, a fim de aguçar a curiosidade dos alunos.

É interessante notar que para ouvir uma leitura, exige-se um “clima” apropriado, preparado pela professora. A maneira como a professora apresenta o livro conta muito para despertar a atenção e acima de tudo, o texto tem que ser do interesse dos alunos, e a mesma precisa ler enfatizando os encantamentos do texto, ou melhor, seduzindo as crianças para o prazer que mora nos livros.

Para Kleiman uma das práticas inibidoras do desenvolvimento da capacidade de leitura é a prática de leitura sem orientação, exemplificada pela prática do professor que solicita à classe que abra o livro na página X e leia, ao invés de preparar o aluno para engajar seu conhecimento prévio, antes de começar a ler, isto é, fazer com que o aluno traga à memória intermediária tudo que sabe sobre o assunto a fim de facilitar a compreensão. (2004:154).

Leitura sem motivação não conduz à reflexão. Quanto a isso, ALVES enfatiza que “se aquele que lê não domina a técnica, se ele luta com as palavras, se ele não desliza sobre elas, a leitura não produz prazer: queremos que ela termine logo. Assim, quem ensina a ler, isto é, aquele que lê para que seus alunos tenham prazer no texto, tem de ser um artista. Só deveria ler aquele que está possuído pelo texto que lê”. (coletânea de textos, PROFA – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. 2002).

É essencial que os alunos ouçam a leitura com expressividade, a leitura expressiva é efetivada pelo professor que já conhece o texto previamente, podendo assim, ler com clareza enfatizando, as belezas do texto, transmitindo sentimentos,

expectativas e suspense. Tudo isso é um passaporte para que os alunos percebam melhor o autor, seu estilo, suas intenções. Dar vida ao texto, por meio de uma boa leitura oral é dar oportunidade para os educandos de vivenciá-lo, de dialogar com ele e compreendê-lo mais amplamente.

É interessante que o professor compartilhe com os alunos seu próprio comportamento de leitor experiente, mostrando-se interessado, surpreso, emocionado ou entusiasmado com o texto escolhido, relendo certos trechos, sempre que valha a pena, ou seja, necessário, como a passagem mais surpreendente da história, a parte mais complexa do texto, a questão central da notícia, entre outras possibilidades.

É um fato bastante conhecido que a leitura em voz baixa e com pouca entonação, além de não chamar a atenção dos alunos, não contribui para instigar o gosto pela leitura. E ao fazer as perguntas para os alunos quanto à compreensão a maioria não responde, pois não estavam atentos e porque a leitura não chamou sua atenção.

SOLÉ (1998) afirma que uma atividade de leitura será motivadora, quando seu conteúdo estiver ligado aos interesses dos alunos. (1998:43) Quando o texto lido faz parte do “universo” do aluno, contribui para emergir a curiosidade dos alunos fazendo com que ele participe ativamente da atividade de leitura.

Confirmando essa análise, FREIRE fala que “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.(2003:11)

Como a professora não faz uma relação dos textos com os conhecimentos prévios dos alunos, torna-se difícil haver compreensão, dificultando-se assim o processo de ensino-aprendizagem e isto fica claro na afirmação da professora.

“Os alunos lêem, mas não sabem interpretar, um dos problemas das provas terem sido um fracasso!”

Cabe aqui uma reflexão, se não está havendo compreensão na leitura é porque esta, não está passando de uma mera decodificação, o processo é dinâmico, não há leitura sem compreensão; e não há compreensão sem leitura. SILVA confirma essa análise, falando que “Leitura sem compreensão e sem recriação dos significados é pseudoleitura, é um empreendimento mecânico”.(1997:152). Trata-se da questão da incoerência, como o aluno vai compreender um texto, se não lhe foi dado condições, se não lhes envolveram no processo de construção de significados, intrínsecos à leitura?

O estímulo à leitura pode e deve ser dirigido com vista a despertar no aluno uma observação mais ampla do mundo. Um ambiente favorável e organizado na própria sala de aula, com diversos materiais de leitura que circulam em seu meio social, como: jornais, revistas, livros, bula de remédio, bíblia, gibis, enfim, todo material que faz parte do mundo fora da escola. No entanto, não é esta a realidade da sala de aula pesquisada, a sala é escassa de materiais de leitura, com exceção de alguns cartazes, escritos com letras pequenas que não chamam atenção para leitura, juntamente com os livros didáticos.

A maioria dos alunos citou os suportes de textos que gostam de ler, tais como: gibis, contos, jornais e a bíblia, entretanto, nenhum destes suportes são oferecidos pela escola, a leitura feita na sala de aula é restrita aos livros didáticos. Entende-se assim que a leitura efetivada na escola é desvinculada da *leitura de mundo** dos alunos. A escola reclama que os alunos escrevem mal e não gostam de ler, mas pouco oferece, pois nela são privados, desde cedo, da leitura de bons escritores e dos diversos materiais de leitura, mesmo porque não há uma sala de leitura e um acervo suficiente e adequado.

* FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler. – 28ª ed. (em três artigos que se completam) São Paulo, Cortez, 2003.

Percebe-se que o material de leitura que os alunos gostam, a escola não proporciona, ou seja, a escola não trabalha com a diversidade textual, eles lêem em casa, quando tem, ou pegam emprestados na biblioteca, só lêem na escola quando levam de casa.

É como se a escola estivesse alheia aos materiais de leitura que circulam no meio social do aluno. Fora da escola a leitura é cheia de sentido, tem uma função, e dentro da escola ela é diferente, na maioria das vezes, o aluno não entende o seu sentido; nem tão pouco para que serve.

Essa realidade é revelada na fala dos alunos, quando responderam se a leitura que eles fazem fora da escola é diferente e por que.

“É diferente, porque lá eu leio jornal e aqui só livros da escola” (aluno “H”).

“Sim, é diferente, porque na escola não tem jornais, nem revistas, eu só leio revistas na escola quando eu trago, na escola a gente ler mais é sobre os escravos, sobre os negros e em casa a gente várias coisas” (aluna “P”).

“É, porque é difícil ler história na escola, aqui, quem lê mais é a professora” (aluno “O”).

Sabemos que uma das condições para a aprendizagem do comportamento de leitor e escritor é o contato com a maior diversidade possível de livros que circulam socialmente e não apenas com um, principalmente, quando este é um livro de baixa qualidade, textos artificializados, escritos apenas para enfatizar a ortografia.

Confirmando nossa análise, LERNER (2002) afirma que a escola deve pôr à disposição dos alunos, diversos materiais escritos para que tenham oportunidade de conhecer diversos gêneros textuais. E quando isso não acontece, a escola nega, a uma boa parcela de seus alunos, o direito de se tornarem leitores, uma vez que ela seria o único espaço em que teriam acesso à leitura de bons textos escritos, conforme se

verifica na fala de um dos alunos, quando evidencia a diferença entre a leitura que realiza na escola e em casa:

“É diferente, porque aqui nós só ler os livros da escola que a gente ganha, e lá em casa eu leio os gibis que eu pego emprestado

Faz-se necessário destacar a relevância do papel da escola, levando-se em consideração que muitos alunos são oriundos de ambientes em que as práticas de leituras do escrito são escassas ou inexistentes, cabendo à escola a responsabilidade de proporcionar situações concretas de leituras, como: ler uma receita para merendeira da escola, ler um texto informativo para os alunos de outra série, escrever cartas para os colegas, ler uma manchete nos jornais, escrever um anúncio do outdoor e ler para os demais colegas da classe, são algumas ações que tendem a conduzir o entendimento do verdadeiro sentido da leitura.

SILVA (1998) aborda que às vezes os professores esquecem do fato de que a escola é o principal reduto, talvez o único modernamente, para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Os alunos precisam aprender que cada tipo de texto se caracteriza por certas propriedades que o tornam específico. A função de um conto é diferente da função de uma propaganda ou de uma receita culinária. Cada tipo de texto cumpre funções particulares e oferece indicadores essenciais que permitem antecipar informações e facilitam sua interpretação. Por isso que é importante ter ao alcance dos alunos, diversos suportes de leitura.

O trabalho de leitura precisa abranger toda a tipologia textual a fim de que o aluno, sistematicamente, aprenda a ler e a escrever todos os gêneros que estão presentes na sociedade em que vive.

Para KLEIMAN "... quanto mais diversificada a experiência de leitura dos alunos, quanto mais familiaridade eles tiverem com textos narrativos, expositivos

descritivos, mais conhecidos será a estrutura desse texto, e mais fácil a percepção das relações entre a informação veiculada no texto e a estrutura do mesmo.” (1993, p.87)

O contato com diferentes formas de linguagem é essencial para o desenvolvimento lingüístico do educando. A leitura de textos diversificados propicia ao aluno o desenvolvimento da capacidade de analisar criticamente os usos lingüísticos e faz com que os momentos de aprendizagem estreitem os laços com a função social da linguagem, atrelados à sua utilização cotidiana.

Para tanto a escola deve oferecer aos alunos a maior variedade e diversidade possível de materiais escritos, sempre com total liberdade e sem restrições.

LERNER (2002) confirma essa análise dizendo que a escola deve pôr a disposição dos alunos, diversos materiais escritos para que os alunos tenham oportunidade de conhecer diversos gêneros textuais.

Quando o aluno tem interesse pelo assunto e a professora intervem com estratégias de leitura é comprovada a participação dos alunos. Confirmamos essa afirmação em nossas observações.

A professora da escola “x” iniciou a aula dizendo:

“Nós vamos falar hoje um pouquinho de quando o negro era tratado como mercadoria”.

Abriu o livro e iniciou a leitura, fez pequenas pausas para indagar sobre o que os alunos já sabiam sobre o texto, dentre elas, perguntou:

“Alguém sabe me dizer o que é carta de alforria?”

Todos estavam atentos, e logo um aluno respondeu:

“É um documento de liberdade que alguns negros recebiam.”

Um outro aluno perguntou:

“Quem cozinhava para os ricos donos de terra?”.

Quando a professora estava lendo um aluno falou:

“Professora, aqui no Pará, também tem escravidão, meu pai já viu um caso desse, lá onde ele trabalhava”.

Todos os alunos tinham um caso a falar sobre o assunto e estavam falando todos ao mesmo tempo. A professora não deu muita importância e os interrompeu dizendo:

“Prestem atenção que estou lendo e depois vocês vão utilizar estas informações na produção de um texto, não vou aceitar um texto pequenino.”

Ao adotar essa postura a professora desperdiça a oportunidade dos alunos participarem da aula, já que os mesmos haviam demonstrado interesse. Percebemos que o importante para a professora era terminar a leitura logo, para que os alunos produzissem um texto.

A leitura conduz a uma compreensão da realidade dos sujeitos. O aluno estava descrevendo algumas experiências vividas pelo pai, entretanto, sua participação não foi valorizada pela professora, ressaltando, que esta dificilmente, utiliza textos dos interesses dos alunos.

Os textos escritos comunicam intenções que podem ser enriquecidas ou contestada pelo leitor, a partir dos interesses que determinaram a sua leitura e das experiências que traz consigo.

Para FREIRE (1992), o papel do educador é de proporcionar, através de uma relação dialógica, educador-educando, a organização de um pensamento correto em ambos. Desse modo, ele propõe que a educação seja encarada como um diálogo, uma via de mão dupla.

Nesse processo dialógico entre professor e aluno, ocorre uma troca dinâmica de experiências sociais, pois, todos passam a compartilhar das experiências dos demais. E nessa inter-relação social, os alunos, ao adquirirem instrumentos de ação adequada as suas realidades, irão paulatinamente, modificando, diversificando e enriquecendo seus conhecimentos, construindo, desse modo, além de uma

aprendizagem eficaz e significativa, uma consciência crítica, importante pilar para o exercício da cidadania. Para FREIRE, a educação tem por tarefa principal o desenvolvimento do senso crítico para formar os verdadeiros cidadãos. Percebemos que ao ensinar os conteúdos gramaticais a professora não utiliza leitura de textos, apenas frases para exemplificar. Quando ela explicou sobre verbos, usou frases, como:

- O menino corre muito.
- A menina gosta de dançar.

Logo em seguida, encheu o quadro de exercícios mecânicos, ou seja, descontextualizado.

Diante disso se faz necessário ressaltar que a leitura é condição essencial para melhorar a linguagem tanto oral como a escrita, pois, quem lê interioriza regras gramaticais básicas e aprende.

Confirmando essa análise, BAGNO afirma " Que ninguém se iluda: só a leitura intensa permite conhecer os múltiplos recursos da língua e usá-los com eficiência, sem decoreba gramatiqueira." (Nova Escola, março/03, p.49)

Quando a professora explicou sobre o uso do rr, usou o mesmo procedimento.

Não se inicia palavras com rr, no meio da palavra ele tem som forte. Por exemplo: morro, jarra, macarrão.

É necessário criar oportunidades para que o aluno possa refletir sobre as dificuldades ortográficas de nossa língua, dessa maneira, o educando terá mais facilidade para se tornar um bom escritor.

Recorremos a FREIRE para confirmar essa análise

A regência verbal, a sintaxe de concordância, o problema da crase, o sincretismo pronominal, nada disso era reduzido por mim a tabletes de conhecimentos que devessem ser engolidos pelos estudantes. Tudo isso, pelo contrário, era proposto à curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva, no corpo mesmo de textos, ora de autores que estudávamos, ora deles próprios, como objetos e serem desvelados e não como algo parado, cujo perfil eu descrevesse. Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas aprender a sua significação profunda. (2003: 16-17).

A memorização sem compreensão não contribui para um aprendizado eficaz da língua. Neste processo o papel do professor é o de mediador, questionando e provocando os alunos para que observem, analisem e reflitam sobre as normas gramaticais dentro de um texto.

A partir de leitura eficiente e eficaz o aluno, por meio de estímulos de outros textos ou de uma variedade de situações de uso da língua oral, é gradativamente levado à prática da escrita igualmente eficiente e eficaz.

Outra prática comumente observada foi a relevância que a professora atribui a escrita de textos em detrimento à leitura. Ela sempre lia um pequeno texto, em seguida falava:

“ Agora, vocês vão produzir um texto, a partir das informações apreendidas do texto lido. Vou logo avisar! Não quero um texto pequenino, vocês têm que aprender a escrever, está chegando o final do ano e vocês não aprendem a escrever um texto.”

Nessa fala da professora há uma certa incoerência, como exigir que os alunos sejam bons escritores, se de antemão não são bons leitores. Na sala de aula não há um tempo reservada para que os alunos leiam.

Confirmando essa análise os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/LP) afirmam que:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro lado, contribui para a constituição de modelos: como escrever. (2001:53).

Faz-se necessário enfatizar que a prática de leitura facilita e contribui para que os alunos possam escrever com clareza textos coerentes, coesos e ortograficamente escritos. Por isso que é importante valorizar o potencial da leitura como auxiliadora, base para as demais áreas do conhecimento.

Uma prática constante de leitura na escola é de suma relevância, porque o aluno que é um bom leitor tende a ser um bom escritor. Quando os níveis de leitura sobem, os alunos passam a se expressar melhor, além de contribuir para o aumento da criticidade dos mesmos.

Percebe-se que o estímulo à leitura na sala de aula pesquisada é muito pouco. Essa afirmação é constatada na fala da professora ao se referir aos livros que os alunos tomam emprestado na biblioteca.

"E vou logo avisando, é pra pegar livros e ler e devolver quando estiver terminada a leitura, senão, não adianta, vai pegar pra quê? Pra ler duas páginas e encher ele de orelhas que é o que acontece com o livro didático."

Só o fato de o aluno estar em contato com livros diferentes, já é importante, principalmente, quando este só tem acesso aos livros didáticos.

Confirmando essa análise, MACHADO menciona que já teve uma porção de livros que ela começou a ler e não terminou a leitura " Pra mim o livro é prazer; não uma coisa obrigatória. Não vejo problema nenhum em parar no meio quando não estou gostando." (Nova Escola, set/01,p.23)

Constatamos que a maioria dos alunos gosta de ler, entretanto, são materiais de leitura que a escola não oferece. Essa afirmação é evidenciada nas respostas dos alunos, quando perguntamos se eles gostavam de ler.

Os alunos deixaram claro que gostam de ler, mas, a escola não dispõe dos diversos suportes de leitura, tendendo assim, a ocasionar uma certa desestimulação nos alunos, quanto à leitura, SOLÉ afirma que "... uma atividade de leitura só será motivadora para alguém se o conteúdo estiver ligado aos interesses da pessoa que lê".(1998:43)

Diante dessas afirmações cabe-nos indagar, como a escola está formando leitores? Se ela não valoriza, não explora e não aguça o gosto dos alunos pelos diferentes suportes de leitura. Cabe a ela promover um ambiente rico em diversidade textual, já que alguns alunos não têm oportunidades, não tem contato freqüente com a leitura e a escrita em seu ambiente familiar.

A maioria dos pais dos alunos não são leitores assíduos, suas leituras se restringem a textos informativos e não é uma leitura freqüente. Podemos constatar essa afirmação nas respostas dos alunos, quando perguntamos se os pais deles lêem e que tipo de leitura.

Sim os dois, mais muito pouco. (aluno "D")

Minha mãe não sabe, meu pai sabe mais ler pouco. (aluna "F")

Minha mãe ler, mas ela não gosta de ler livros. (aluno "I")

Anotações, informações de como se constrói uma casa e revista (aluno "E")

Ler coisas de trabalho e cartas que minha avó manda, minha mãe não ler livros, meu pai ler livro de Português da escola. (aluno "B")

Percebemos através dos depoimentos dos alunos entrevistados, que seus pais não são leitores assíduos. Portanto, aumenta a responsabilidade da escola com o compromisso de trabalhar para a formação de alunos leitores. É relevante para a formação do hábito de leitura, a criança ver com freqüência a leitura sendo "degustada" por um adulto próximo a ela.

Mais uma vez, voltamos ao mesmo questionamento: se o aluno tem pouco contato com a leitura na escola, que interesse este vai ter para com a leitura? Por isso que é tão importante a reservar de um tempo na escola para se trabalhar a efetivação da leitura. A leitura constante de diversos textos contribui para ampliar a visão de mundo dos educandos, impulsionando-os a uma reflexão sobre as funções sociais desta.

É notória a contribuição da biblioteca escolar para a formação do hábito de leitura, todos os educandos entrevistados, freqüentam a biblioteca da escola. Eles já têm

o costume de tomar emprestado livros, uma vez por semana. Constatamos isso, nas respostas dos alunos quando perguntamos se eles freqüentam a biblioteca da escola.

A maioria dos educandos afirma freqüentar assiduamente a biblioteca, uma vez por semana. Embora eles demonstrem interesse pela leitura, algo parece desestimulá-los, pois, muitos afirmam que lêem só algumas páginas, outros lêem o livro pela metade e partem para outras leituras. Talvez o gosto dos alunos pela leitura, não foi ainda estimulado, para esse gênero textual que eles tomam emprestado na biblioteca (Livro de Literatura em minha casa).

É de suma relevância o contato dos alunos com livros, entretanto, há uma escassez de bons livros no acervo da biblioteca, ou melhor, livros do interesse dos alunos, por exemplo, a biblioteca não dispõe de gibis, jornais, revistas, entre outros, o acervo é composto em sua maioria, pelos livros da Campanha do MEC (Livros de Literatura em Minha Casa). A prática de leitura na escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível, respeitando o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro, ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária.

Os alunos precisam embrenhar-se em outros mundos possíveis que a literatura oferece. O contato com diversos gêneros literários conduz para ampliar a compreensão do indivíduo quanto ao mundo que o cerca.

Só o fato de o aluno estar em contato com o livro já é um bom começo, principalmente, porque eles já visitam a biblioteca, uma vez por semana. "Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito".(SILVA apud, Zilberman,1986:134)

A biblioteca é uma condição concreta para a formação de leitores. A literatura reflete de forma criativa e ampla o mundo inteiro. A escola que assume a responsabilidade de desenvolver o hábito de leitura no educando está garantindo, a

existência de adultos com rica imaginação, amplos recursos lingüísticos e uma ampla visão de mundo que ultrapassa a visão imediatista.

Mesmo apesar dos alunos não terem acesso a todos os dias da semana a pegar um livro emprestado. Tal afirmação é constatada em nossas observações.

“Hoje, não é dia de sua turma pegar livros emprestado. Vou emprestar, mas o seu dia é sexta-feira”. (professora auxiliar de biblioteca)

A biblioteca escolar deve ser o espaço acolhedor dos alunos, onde eles possam ter a total liberdade para com os livros.

Alguns alunos só têm acesso aos livros da biblioteca, não dispõem de nenhum material de leitura em casa. Essa afirmação foi evidenciada na resposta de um aluno, ao falar se faz visitas a biblioteca da escola e se gosta de ler.

Vou lá direto, pego livros e leio, na minha casa não tem livros, só leio os livros que pego na biblioteca.
Eu gosto mais é dos livros da biblioteca, livro de história (contos)

Percebemos que o “alimento literário” dos alunos é, na maioria das vezes, somente os livros da biblioteca escolar, que se restringe aos livros de “Literatura em Minha Casa” -Ministério da Educação. Só a leitura destes livros, não é suficiente para conduzir o aluno a ser um bom leitor, ele precisa do incentivo e do interesse da professora, ou melhor, precisa ver exemplos concretos de leitura, a professora não é uma leitora voraz. Essa afirmação se evidencia claramente nas respostas da mesma ao ser entrevistada: você lê livros de sua área de conhecimento? Quantos livros você já leu esse ano e quantas visitas você faz a biblioteca do seu município?

Às vezes, quando sobra tempo, leio os livros que a faculdade pede para fazer resumos. Uns quatro, não acho que foi três, (fez cara de dúvidas) nem sei se foi três mesmo. Eu gosto de ler mesmo é revistas, materiais com informações, gosto de cruzadinhas. Uma vez na semana para pegar livros pra trabalhar na sala de aula, ainda não peguei nenhum da minha área de conhecimento.

Todo profissional da educação deveria ser acima de tudo, um leitor. Como já afirmamos antes, um professor que não cultiva o ato de ler, dificilmente, promoverá um bom ensino de leitura.

Frente a essa situação, Kleiman diria que para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura. Como a professora vai aguçar o gosto pela leitura se o dela não foi aguçado? Existem escolas que estão cheias de gente que apesar de não ler, tenta ensinar."Ninguém contrata instrutor de natação que não sabe nadar. Mas temos professores que não lêem nas escolas" (MACHADO, Nova escola, set/01.p.21)

Pelo fato da professora não sentir tanto gosto pela leitura, suas ações em sala de aula, na maioria das vezes, não incitam o aluno a ler. Quando perguntamos a professora se seus alunos gostavam de ler e quais motivos deles não gostarem de ler?

A maioria deles dizem que sim, mas na verdade acho que não, pois não os vejo lendo e quando lêem é pouco, a maioria não mostra interesse pela leitura. Tem alguns que gostam, eles até trazem jornais pra mim, dizendo que já leram. Pela dificuldade que eles têm na leitura, em decifrar mesmo. Eu acredito que a maioria não tem incentivo em casa, os pais passam o dia fora e também a maioria são repentes, eles têm vergonha de ler pra mim, eles não gostam.

A professora diz que não ver seus alunos lendo, entretanto, não proporciona atividades para que os alunos possam efetivar diversas leituras. Observamos essa contradição nas ações da professora e na fala de alguns alunos.

É difícil ler história, aqui na escola, aqui quem ler mais é a professora. (aluno "G")
... a gente em casa faz sozinho a leitura e na escola tem a professora que faz. (aluno "P")
Aqui o livro é diferente é mais é a professora que ler. (aluno "R")

Não queremos negar aqui, a relevância da professora ler para os alunos, entretanto, é de fundamental importância a leitura efetivada pelos alunos, pois se sabe que só a prática constante de leituras, conduz a formação de leitores. Como fala LACASA (1997) que tanto a aprendizagem da leitura, como a da escrita pressupõe uma responsabilidade compartilhada entre os que ensinam e os que aprendem, entre os alunos como sujeitos ativos de suas próprias aprendizagens e o professor como guia e apoio que serve de mediador entre os alunos e a cultura.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas considerações sobre o ensino e aprendizagem da leitura na escola não pretendem, é claro, esgotar o assunto, muito haveria ainda para se comentar. O que pretendemos é ampliar as reflexões já existentes acerca deste assunto.

Ao analisarmos a prática vivenciada em sala de aula refletimos e compreendemos com mais profundidade as principais idéias dos autores citados neste trabalho.

Em relação ao gosto, dos alunos, pela leitura, percebermos que os educandos gostam de ler, entretanto, a escola ainda não está preparada com um espaço alfabetizador, onde os alunos possam ter contato diariamente, com situações de leitura e escrita.

São infinitas as possibilidades de transformar a escola em um espaço de leitura, principalmente, a sala de aula, lugar eleito pela cultura escolar como privilegiado para os principais aprendizados.

É fundamental a existência, na escola, de um acervo organizado com critérios, abrangendo as distintas áreas do conhecimento, a diversidade de textos tais como: gibis, revistas, jornais, bulas, livros etc.

Cabe a escola a responsabilidade de estimular a capacidade de raciocínio dos alunos com vista ao aguçamento da leitura de bons textos visando desenvolver a capacidade crítica e construtiva.

Por outro lado, a escola é responsável também pela organização e efetivação de um quadro de professores qualificados, objetivando uma prática

docente comprometida com um ensino eficiente e de qualidade, levando-se em consideração que o professor é o mediador e facilitador do processo ensino-aprendizagem.

Faz-se necessário ressaltar que exista ou não um ambiente privilegiado, o mais importante é mesmo o trabalho de leitura que se faz, ou seja, a maneira como o professor direciona seu trabalho em relação ao ensino da leitura.

Um espaço alfabetizador com diferentes suportes de leitura, não é o suficiente se o professor ou professora desconhece o processo de aprendizado do aluno.

É necessário frisar que a escola pesquisada dispõe de uma biblioteca, porém, com um acervo que raramente é renovado, e quando isto acontece, são com livros da Campanha do MEC (Ministério da Educação e Cultura) Livros de Literatura em Minha Casa, além do mais essa biblioteca é mal utilizada, no sentido de atendimento ao usuário, não há um bibliotecário ou mesmo um Assistente de Biblioteca, a pessoa responsável é uma professora que tem problemas de saúde e por esta razão não pode estar em sala de aula.

É interessante salientar que as autoridades educacionais, ou melhor - as Campanhas do Governo – tentam “salvar a pele” quando lançam campanhas de incentivos a leitura, recomendando que se estimulem, por todos os meios, o gosto da leitura, entretanto, a situação é bem contraditória, não são oferecidos cursos de formação continuada, em relação ao ensino da leitura. Convivem, lado a lado, a formação “carente” do professor e as recomendações irrealistas das autoridades educacionais. Como, então, incentivar, por todos os meios, se os próprios meios não são fornecidos às escolas?

Torna-se difícil haver um bom desenvolvimento do gosto da leitura, quando não há práticas concretas de incentivos à leitura quando a rede municipal não dispõe de uma biblioteca pública e a maioria dos professores não tem uma formação universitária.

Professores e educandos precisam ler, pois, a leitura é o componente básico da educação, um processo que aponta para a necessidade de buscas constantes de conhecimento, para que estas buscas se efetivem na prática, concretizando-se em benefícios sociais, é necessário que existam condições reais para a produção de diferentes tipos de leituras.

De uma forma geral, constatou-se que, grande parte, dos pais dos alunos faz a leitura prática do dia-a-dia de acordo com as necessidades, ou seja, utilitária e outra parte são leitores da bíblia devido ao fato de serem de congregações evangélicas.

Partindo dessa constatação acima, percebemos que aumenta ainda mais a responsabilidade e o compromisso da escola com o processo de ensino e aprendizagem da leitura, já que o ambiente familiar não o proporciona. A escola precisa ensinar os alunos a ler e fazer com que eles se interessem pela leitura, agindo assim, ela estará dotando-os de um instrumento valioso que é a tomada de consciência, reconhecendo-se enquanto cidadão integrante de uma sociedade multiplicadora de conhecimentos.

É relevante mencionar que o ambiente pesquisado é escasso de leituras, principalmente, leituras significativas, mais uma vez, voltamos a falar na importância do trabalho do professor/professora em relação ao ensino da leitura, os alunos deixaram claro em seus depoimentos que gostam de ler jornais, entretanto, a

professora não trabalha com esse suporte em sala de aula, e há no município distribuição de dois jornais, sem custos.

A escola, principal reduto do ensino-aprendizado da leitura, talvez único, para algumas crianças, ainda possui lacunas na sua estrutura enquanto instituição social, por não dispor de um espaço organizado com objetivos claros e definido para o desenvolvimento do gosto pela leitura, ou melhor, para a formação de bons leitores.

A leitura não deve ser uma atividade extra, quando sobra tempo ou quando faltaram muitos alunos. A leitura precisa ocupar o horário nobre da aula, entretanto, não foi esta a realidade constada. *(constatada)*

Neste trabalho tivemos o desafio de observar e analisar como a escola está trabalhando para o desenvolvimento do gosto pela leitura, objetivando trazer à tona uma contribuição ao meio escolar, por possibilitar novas reflexões, apesar desse tema ser já bem debatido no meio acadêmico, não presenciamos ainda, mudanças significativas no que diz respeito à formação de alunos leitores.

E por acreditarmos que o conhecimento está em constante processo de construção, pretendemos realizar um seminário sobre leitura, para os profissionais que trabalham com o ensino fundamental menor (1ª a 4ª séries) na escola pesquisada, onde debateremos as idéias dos autores citados neste trabalho. Assim estaremos contribuindo com esses professores, no sentido de suscitar uma reflexão acerca do ensino da leitura, pois como já afirmamos antes, não basta somente haver um espaço com suportes de leitura, se o professor/professora desconhece o processo de aprendizado do aluno.

Sabemos que essa discussão não se esgota aqui e que os problemas enfrentados por alunos e professores, no que se refere ao tema em debate, não

serão resolvidos de imediato, mas, quem sabe, a partir daí poderão surgir possíveis alternativas e novas pesquisas em que a discussão seja aprofundada e ampliada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. Rio de Janeiro, Scipione, 1993.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1994.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. Rio de Janeiro, Scipione, 1999.
- CARVALHO, Marlene. O Texto na Sala de Aula. São Paulo, Ática, 2002.
- ESCOLA, Nova – Revista – (março / 2003, Nº 178).
- ESCOLA, Nova – Revista – (setembro / 2001, Nº 145).
- FERREIRO, Emília. Reflexões sobre a alfabetização. São Paulo, Cortez. 1991.
- FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler. – 28ª ed. (em três artigos que se completam) São Paulo, Cortez, 2003.
- _____ Educação e Mudança. São Paulo. Contexto, 1992.
- GROSSI, Esther Pillar. Col. Didática da Alfabetização, vol. 01/Didática do Nível Pré-Silábico. Rio de Janeiro - Paz e Terra. 1990.
- KATO, Mary. O Aprendizado da Leitura. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- KLEIMAN, Ângela B. Oficina de Leitura – Teoria e Prática – 9ª ed. Campinas – São Paulo. Pontes, 2002.
- LAJOLO, Marisa – Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo. 6ª ed. São Paulo. Ática, 2002.
- LANDSMAN, Lílana Tolchinsky. Aprendizagem da Linguagem Escrita. São Paulo, Ática, 1998.

LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário/ trad.

Ernani Rosa -

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D. Pesquisa em Educação: Abordagem Qualitativa. - São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Maria Helena. O que é Leitura. São Paulo Brasiliense, 1994.

NASPOLINI, Ana Tereza. Leitura e Produção Escrita. São Paulo, FTD, 1996.

NUNES, José Milton Oliveira. Atividade Física no Mundo do Trabalho: A Vivência Dessa Prática nas Empresas Industriais de João Pessoa. João Pessoa, 2001, 52 páginas. Monografia de Conclusão de Curso (graduação em Educação Física) – Universidade Federal da Paraíba – DEF/ CCS/UFPB.

PCNs / LP – (Parâmetros Curriculares Nacionais) Brasília – MEC/SEF, 2001.

PILLETTI, Claudino. Didática Especial. São Paulo Ática, 1991.

Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

PROFA – (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores) – Coletânea de textos – (Ministério da educação) Brasília – módulo 3 – 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. O Ato de Ler – fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. - 9ª ed. São Paulo. Cortez, 2002.

_____ Leitura e Interdisciplinaridade. Mercado de Letras, Campinas, São Paulo, 1999.

_____ Leitura, Ensino e Pesquisa – 2ª ed. Campinas – São Paulo: Pontes, 2004

_____ Criticidade e leitura: ensaios. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

_____ Leitura e Realidade Brasileira. 5ª ed.

_____ Leitura e Desenvolvimento da Linguagem. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. São Paulo: Contexto, 2003.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de Leitura – 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXOS

Entrevista com a professora "Y"

1) Seus alunos gostam de ler?

R – *A maioria deles dizem que sim, mas na verdade acho que não, pois não vejo eles lendo e quando lêem é pouco, a maioria não mostra interesse pela leitura. Tem alguns que gostam, eles até trazem jornais pra mim, dizendo que já leram.*

2) Quais são os motivos dos alunos não gostarem de ler?

R – *Pela dificuldade que eles têm na leitura, em decifrar mesmo. Eu acredito que a maioria não tem incentivo em casa, os pais passam o dia fora e também a maioria são repetentes, eles têm vergonha de lerem pra mim, eles não gostam.*

3) Você lê os livros de sua área de conhecimento?

R – *Às vezes, quando sobra tempo, leio os livros que a faculdade pede para fazer resumos.*

4) Quantos livros você já leu esse ano?

R – *Uns quatro, não acho que foi (fez cara de dúvidas) Eu gosto de ler mesmo é revistas, materiais com informações, gosto de cruzadinhas.*

5) Você tem condições comprar livros? Quantos ao ano?

R – *Condições não tenho, mas faço um esforço. Três livros.*

6) Quantas visitas você faz a biblioteca do seu município?

R – *Uma vez na semana para pegar livros para trabalhar na sala de aula, ainda não peguei nenhum da minha área de conhecimento.*

Entrevista com os alunos

1. Seus pais lêem?

Aluno "A" – *Lêem, mas só quando ganhamos jornal.*

Aluno "B" – *Os dois lêem.*

Aluno "C" – *Meus pais lêem de vez em quando.*

Aluno "D" – *Só meu pai.*

Aluno "E" – *Os dois lêem, mas só às vezes.*

2. Que tipo de leitura?

Aluno "A" – *Jornal.*

Aluno "B" – *Ler coisas de trabalho e cartas que minha avó manda, minha mãe não ler livros, meu pai ler livros de português da escola.*

Aluno "C" – *Eles lêem a bíblia, eles são crentes.*

Aluno "D" – *Papel com informações sobre firmas e ler jornais, ele só ler os jornais que ele traz para casa.*

Aluno "E" – *Jornal quando ele ganha minha mãe lê o jornal às vezes revistas.*

3. Você gosta de ler?

Aluno "A" – *Gosto.*

Aluno "B" – *Gosto.*

Aluno "C" – *Eu gosto.*

Aluno "D" – *Eu gosto.*

Aluno "E" – *Eu gosto.*

4. O que você gosta de ler?

Aluno "A" – *Jornal e livros de história (contos) no jornal tem informações que a gente não sabe ainda.*

Aluno "B" – *Livros de história e gibi, eu e minha irmã não temos gibis em casa.*

Aluno "C" – *Livros de história (contos).*

Aluno "D" – *Livros de contos e gibis.*

Aluno "E" – *Livros e revistas.*

5. *Você faz este tipo de leitura na escola?*

Aluno "A" – *Não.*

Aluno "B" – *Não, quando eu leio gibi na escola, é porque eu trago de casa.*

Aluno "C" – *Não, só em casa.*

Aluno "D" – *Não.*

Aluno "E" – *Não, na escola não tem.*

6. *O que você lê em casa?*

Aluno "A" – *Livros de história, é conto.*

Aluno "B" – *Leio historinhas, gibis e também eu gosto de ler o jornal.*

Aluno "C" – *Livro de ciências e religião.*

Aluno "D" – *Livros de ciências.*

Aluno "E" – *Livros de histórias com lendas.*

7. *A leitura que você faz fora da escola é diferente? Por que?*

Aluno "A" – *É diferente, porque na escola é um tipo de leitura em casa é outro.*

Aluno "B" – *É diferente porque eu gosto mais é de ler em casa e que eu leio em casa, não tem na escola.*

Aluno "C" – *É, porque a gente em casa faz sozinho a leitura e na escola tem a professora que faz.*

Aluno "D" – *É diferente porque são outros livros.*

Aluno "E" – *É diferente porque em casa a gente ler na hora que quer, por isso que é bom.*

8. Você visita a biblioteca da escola?

Aluno "A" – *sim, uns cinco livros, mas li só algumas páginas, eu não gostei das histórias.*

Aluno "B" – *Sempre visito, eu já li " A Fada que Tinha Idéias e Poesias dos Mares".
Eu gosto de ler à noite.*

Aluno "C" – *Já fui algumas vezes, peguei um livro e li algumas páginas.*

Aluno "D" – *Sim, pego livros mas ainda não li um livro todo, às vezes eu não gosto das histórias. Na minha casa só tem livros da escola, de matemática e de ciências.*

Aluno "E" – *Faço, toda semana eu pego um livro pra ler.*

RELATÓRIO

Pesquisa de observação In loco

Escola: B

Turma: 3ª série

Local: Canaã dos Carajás

Data: 30/09/04

CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal de Ensino Fundamental... (que neste trabalho será chamada de escola X) A referida escola situa-se no centro de Canaã dos Carajás-PA, na rua Petrônio Portela s/n.

A referida instituição tem uma boa estrutura física, com exceção da quadra de esporte que não é coberta. Tem um espaço amplo é construída em alvenaria, piso de cerâmica, salas espaçosas e ventiladas, a escola é toda cercada por um muro em alvenaria.

A escola funciona em três turnos, matutino e vespertino, com o Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série e noturno, com Educação de Jovens e Adultos. (EJA) O prédio da escola é composto por 22 (vinte e duas) salas de aulas, uma secretaria, sala da direção, sala dos professores, cozinha, refeitório, quadra de esporte e biblioteca.

O pátio da escola é encimentado e coberto.

O quadro profissional de Ensino Fundamental (1ª a 4ª série) é formado por 44 (quarenta e quatro) professoras, sendo 22 (vinte e duas) no turno matutino e 22 (vinte e duas) no turno vespertino. Dessas a maioria não tem curso superior, algumas professoras estão cursando o Magistério Superior, inclusive a professora da sala pesquisada, por uma instituição que não é reconhecida pelo MEC.

A escola tem uma diretora, uma vice-diretora, uma secretária e quatro coordenadoras pedagógicas.

Possui ainda, quatro vigias, seis zeladoras, seis merendeiras e uma professora aposentada, que trabalha na biblioteca.

Esta escola trabalha com o "Projeto que vale" Fundação Vale do Rio Doce, cada série trabalha com um projeto e o da 3ª série é "Miscigenação"- os negros.

Os projetos da "Escola que vale", tem a duração de quatro meses e são trabalhados três vezes na semana.

1º dia - Data: 05/10/04

A professora iniciou a aula às 7:30 horas, com 25 alunos, sendo que ao todo são 29.

Começou com uma leitura compartilhada "A deusa da Grécia". Fez uma leitura direfa, não incentivou a curiosidade dos alunos, fez uma leitura sem entonação e em voz baixa, enquanto isso, tinha uns alunos que rabiscavam cadernos, outros folheavam um livro didático e outros conversavam. Logo que terminou a leitura fez duas perguntas:

-Vocês gostaram?

-O que vocês entenderam?

Ao fazer a primeira pergunta, alguns balançaram a cabeça e outros disseram que não.

Quando fez a segunda pergunta, apenas uma aluna falou que tinha entendido, outros alunos ficaram calados e alguns balançaram a cabeça.

Em seguida falou:

-Peguem o livro de Ciências e abram na página 126, o título "Terra Lavada". Acompanhem a leitura, que depois vou fazer umas perguntinhas.

Começou a ler, fez pausas para reclamar com alguns alunos que estavam conversando e fazendo aviãozinho.

Dando continuidade leu o exercício do livro e pediu que os alunos respondessem no caderno algumas questões do livro, umas questões de acordo com o texto e outras pessoais.

Os alunos demoraram bastante para responder o exercício.

Intervalo para o recreio.

Após o recreio a professora pediu que os alunos abrissem o livro de matemática e acompanhassem a leitura de problemas. Ela deu um tempinho para os alunos responderem e logo falou:

-Vou logo responder no quadro, pois sei que vocês não vão logo responder sozinhos.

Leu novamente cada problema e respondeu no quadro sempre fazendo perguntas para os alunos.

Quando os alunos demoravam a responder, por exemplo, 5×8 , ela mesma respondia. Logo em seguida encheu o quadro de cálculos.

2º dia – Data: 06/10/04

A professora iniciou a aula às 7:35 horas com 27 alunos. Começou a aula com uma leitura compartilhada “Atenas” – Divinas Aventuras da Mitologia Grega.

Mostrou a ilustração da capa para os alunos, um aluno pediu que ela folheasse todo o livro que ele queria ver as ilustrações, e a professora disse:

-Não primeiro eu vou ler.

No meio da leitura fez uma pausa para pedir silêncio e para reclamar a atenção de um aluno que estava andando na sala enquanto ela lia.

Quando terminou fez as duas perguntinhas:

-Vocês entenderam?

-O que vocês mais gostaram?

Um aluno respondeu que não gostou, pois ela não tinha mostrado as ilustrações, e a professora disse que na hora do recreio daria o livro para ele observar. Um outro aluno falou que não gostou do final da história e a professora disse:

-As histórias são assim, nem sempre termina como a gente gosta!

A professora continuou falando:

-Nós vamos falar hoje um pouquinho de quando o negro era tratado como mercadoria.

A professora pegou o livro em cima da mesa e iniciou a leitura, quando terminou perguntou o que os alunos já sabiam sobre o texto, dentre elas:

-Alguém sabe me dizer o que é carta de alforria?

Os alunos estavam atentos e logo um respondeu, dizendo:

-Era um documento de liberdade que alguns negros recebia.

Um outro aluno perguntou:

-Quem cozinhava para os ricos donos da Terra?

A professora continuou a leitura, fez uma pausa para perguntar se eles estavam aprendendo alguma informação nova com o texto.

Uma aluna disse que não sabia o que era carta de alforria e tinha aprendido e a professora falou:

-Eu já tinha explicado outro dia, mas eu acho que você faltou a aula.

Continuou a leitura e um aluno falou:

-Professora, aqui na Pará, também tem escravidão, meu pai já viu um caso desse, lá onde ele trabalhava.

Quando o aluno terminou de falar, todos os outros estavam falando sobre o mesmo assunto. Um aluno falou:

-O meu vizinho já trabalhou numa fazenda e lá ele disse que o trabalho era escravo.

A professora os interrompeu dizendo:

-Prestem atenção que estou lendo e depois vocês vão produzir um texto, não vou aceitar um texto pequenino.

A professora não valorizou o conhecimento dos alunos.

Em seguida ela pediu que todos escrevessem um texto.

Ao voltar do recreio, ela pediu que todos continuassem escrevendo, tinha uns que ainda não haviam começado.

Quando a professora terminou de falar um aluno entregou a produção escrita, ela olhou e disse:

-Vá terminar, eu já falei que não quero texto com poucas linhas.

E o aluno falou:

-Mas, professora o que eu tinha de escrever eu já escrevi.

E a professora continuou: -escreva mais, você é capaz!

O aluno voltou, sentou e ficou folheando um livro. A professora chamou a atenção dele, só no final da aula que ele escreveu um pouquinho e entregou pra ela.

Os alunos demoraram bastante para escrever e a maioria só escreveu um pouquinho.

Para tarefa de casa ela pediu que eles respondessem uma atividade no livro de Ciências.

3º dia – Data: 07/10/04

A professora iniciou a aula com 28 alunos presentes.

-Vou fazer a leitura e hoje eu não quero que ninguém atrapalhe.

Logo iniciou a leitura compartilhada “A quase morte de Zé Malando”.

Quando estava lendo um aluno bateu na porta e entrou, a professora parou a leitura e falou:

-Como sempre “B” chegando atrasado, amanhã vê se chega mais cedo.

Os alunos conversavam bastante durante a leitura , ela não parou para chamar a atenção.

Ao terminar a leitura, se aproximou da parede da sala e retirou dois cartazes da parede que estavam escrito a tabuada. Logo após encheu o quadro de cálculos. Em seguida começou a chamar os alunos de um por um para resolver os cálculos.

Uma aluna falou que não ia ao quadro, a professora perguntou:

-Por que você não quer vim?

A aluna não respondeu, simplesmente, abaixou a cabeça e a professora continuou falando:

-Agora é a oportunidade pra você aprender, na hora da prova eu não quero ninguém reclamando e vocês já sabem que é semana que vem.

Logo que os alunos terminaram a professora fez um ditado de problemas e fez um intervalo para o recreio.

Em seguida escreveram o horário de provas no quadro , marcadas para outra semana, começando no dia treze de outubro. Quando terminou de escrever, falou:

-Estudem! Porque o final do ano ta chegando e quem não tirar boas notas, já sabe.

-Agora, abram o livro de História/Geografia na página 96 e respondam o exercício. Enquanto alguns alunos transcreviam as questões do livro para o caderno, outros conversavam e outros desenhavam personagens de desenhos animados e ficavam comparando que desenho tinha ficado mais bonito. E enquanto isso, a professora estava sentada fazendo umas anotações no caderno de plano de aulas. Quando bateu o sino a professora falou que quem não tivesse terminado terminaria em casa.

4º dia – Data: 08/10/04

A professora iniciou a aula às 7:30 horas com 25 alunos.

-A leitura compartilhada de hoje faz parte do nosso projeto, quem lembra o nome do nosso projeto?

Os alunos responderam em coro:

-Miscigenação – os negros.

A professora leu o título do texto “O museu dos horrores”.

-Prestem atenção, esse texto tem novas informações e depois vocês vão produzir um.

Na hora que a professora estava lendo um aluno comentou:

-Será mesmo que os negros passavam tanta fome assim?

Ao terminar a leitura a professora falou:

-Os negros “P” passavam tanta fome nos porões dos navios que chegavam a morrer.

E quando eles morriam, o que faziam com eles (aluna “A”)

-Eram jogados no mar. (professora)

-Agora, com as informações que vocês já sabiam e com as novas, vocês vão produzir um texto. Não esqueçam de assinar o nome, da outra vez teve aluno que esqueceu, assim fica difícil, caprichem na caligrafia, senão não vou entender.

Alguns alunos copiavam e outros conversavam sobre o filme da sessão da tarde de quinta-feira.

O sino bateu anunciando o recreio, quatro alunos não tinham terminado a escrita do texto e a professora:

-Quem não terminou, por favor terminem agora, porque já vou entregar a atividade de revisão da prova de Português.

Entregou a atividade mimeografada, leu as questões, junto com os alunos e pediu que eles respondessem.

A professora falou:

-Se tiverem dúvidas falem o momento é esse.

-Eu não entendi a 3ª questão, falando sobre verbos. (aluna "C")

-Tem razão de não saber, não presta atenção nas minhas explicações, é o tempo todo batendo papo. (professora)

-Professora, hoje é sexta-feira, e a aula de Educação Física. (aluno "D")

-Hoje, eu não vou dar recreação, porque vocês vão fazer provas na semana que vem, agora vocês vão responder a tarefa de revisão e estudar em casa e mesmo assim, segunda e terça-feira vocês vão brincar bastante, na festa de vocês, segunda não vai ter aulas, só brincadeiras.

-Não esqueçam, estudem! (professora)

5º dia – Data: 13/10/04

A professora começou a aula falando sobre a festa da criança que tinha acontecido no dia onze de outubro na escola.

-Vocês gostaram da festa?

-Gostamos. (os alunos responderam em coro)

O aluno "J" levantou o braço e falou:

-Eu não gostei, porque só tinha brincadeira pra criança, eu brinquei só um pouquinho, gostei só do sorvete.

-O sorvete tava gostoso era da Kibom. (aluna "H")

-O papo ta bom, mas agora vocês vão fazer a prova de vão fazer a prova de Religião.

A professora pediu para os alunos afastar as cadeiras e entregou uma prova para cada aluno e fez uma leitura e os alunos acompanharam.

Ela fez um breve comentário do texto, falando dos diversos tipos de preconceito, enfatizando que desde a época de Jesus já existia.

Bateu o sino para o recreio e a professora pediu as provas de quem ainda não havia terminado.

Ao voltar do recreio ela entregou as provas para os alunos terminarem.

A professora pediu que os alunos que já tivessem terminado, podiam ir embora e estudar para prova de Ciências.

6º dia – Data: 14/10/04

A professora começou a aula falando que na prova de Religião, teve aluno que entregou com algumas questões em branco.

-Só é falta de atenção, parece que não entendem o que ler. (professora)

-Hoje é prova de Ciências, espero que vocês tenham estudado.

Distribuiu as provas para cada aluno e em seguida leu.

A prova era mimeografada e em duas páginas.

Quando chegou a hora do recreio a maioria não tinha terminado, a professora pediu que primeiro respondessem as questões de uma página e depois da outra.

7º dia – Data: 15/10/04

A professora iniciou a aula falando da prova de Ciências.

-Se na prova de Ciências vocês demoraram bastante pra responder, imaginem, hoje que é Português. (professora)

Ela pediu para os alunos fazerem um esforço e não deixarem nenhuma questão em branco.

Distribuiu para cada aluno a prova, esta era digitada.

Fez a leitura e os alunos acompanharam. Em seguida começou a afastar as cadeiras.

-Agora, é com vocês! (professora)

8º dia – Data: 18/10/04

A professora começou a aula fazendo com os alunos uma revisão oral da tabuada.

Ao terminar afastou bastante as cadeiras, uma das outras e distribuiu a prova.

-Agora, por favor, silêncio total. (professora)

Pediu que um aluno lhe entregasse o lápis, pois nele estava a tabuada, entregou outro para o aluno.

A professora não leu a prova.

9º dia – Data: 19/10/04

A professora iniciou a aula aborrecida, falando que tinha corrigido as provas de Português e algumas de matemática.

-O resultado foi um desastre! (professora)

-Vocês não prestam atenção! Fico me perguntando, o que é que vocês querem na vida, para ter uma boa profissão tem que estudar, eu acho que vocês querem ir é pra roça! (professora)

Logo em seguida, distribuiu a prova de História/Geografia, leu e alguns alunos acompanharam a leitura.

-Agora, vê se respondem, pelo menos essa. (professora)

Na sala dos professores, na hora do recreio a professora falou para uma colega:

-Os alunos lêem, mas não sabem interpretar, um dos problemas das provas terem sido um fracasso!

10º dia – Data: 20/10/04

A professora iniciou a aula falando sobre a aula de Artes, que os alunos iam pintar misturando cores.

Logo após, fez uma leitura compartilhada "A sapa casada" de Sílvio Romero.

Começou a leitura com uma boa entonação e terminou com uma voz baixa. Fez uma pausa na leitura e falou:

-Como a leitura é longa, amanhã eu termino!

Folheou o livro e mostrou as ilustrações para os alunos, eles ficaram bastante atentos. Depois de observar um aluno falou:

-Termine de ler logo, agora, professora.

-Só amanhã agora vocês vão pintar.

-Professora, lá na biblioteca tem esse livro. (aluna "C")

-Não, esse é meu.

-Professora, sexta-feira, a senhora não liberou a gente pra pegar livros na biblioteca. (aluna "H")

A professora de cabeça baixa, falou:

-Agora, só sexta-feira que vem, sexta-feira passada vocês estavam fazendo prova.

Logo em seguida, dividiu os alunos em cinco grupos e distribuiu tinta para eles fazerem um desenho livre e pintarem

Quando bateu o sino para o recreio, uma aluna comentou com a colega:

-Vou à biblioteca, vê se lá tem um livro igual ao da professora.

A aluna lanchou e foi direto para biblioteca, observou bastante os livros, folheou alguns livros de contos e pegou um emprestado e a auxiliar de biblioteca, que é uma professora, falou:

-Hoje não é o dia de sua turma pegar livros emprestados. Vou emprestar, mas seu dia é sexta-feira.

A aluna pegou o livro e saiu sorrindo, parecia que estava muito contente, o livro tinha bastante ilustrações.

Ao retornar do recreio os alunos continuaram pintando.

11º dia – data: 21/10/04

A professora iniciou a aula dando continuidade a leitura compartilhada “A sapa casada”.

-Vou dar continuidade a leitura de ontem, prestem atenção!

Folheou o livro antes de começar a leitura e mostrou as ilustrações.

A maioria dos alunos ficaram atentos a leitura.

Quando terminou a leitura, a professora, falou:

-Que bom que vocês ficaram um pouquinho quietos pra ouvir.

-Vocês gostaram?

-Gostamos. A maioria respondeu.

Em seguida a professora começou a escrever no quadro e explicou a diferença de Mal e Mau. Após a explicação, encheu o quadro de exercícios.

Enquanto ela explicava, tinha uns alunos fazendo muito barulho, aluna “B” colocava as mãos nos ouvidos.

A professora não ligou pra cena e continuou a explicação. Quando bateu o sino para o recreio, todos os alunos foram para o recreio, com exceção do aluno “O”. Ele se aproximou de mim e falou:

-Você escreve tanto, parece que esse seu caderno já está cheio. Você gosta muito de escrever, não é?

-Gosto muito e você?

-Eu também gosto de escrever, agora ler, eu só gosto lá em casa, aqui é chato!

Respondeu e saiu logo da sala correndo para brincar com um colega.

Ao retornar do recreio, a professora falou:

-Abram o livro de História/Geografia na página 102, o título do texto é "Você e sua moradia".

Logo que os alunos abriram os livros ela começou a ler, fez uma pausa e falou:

-Quem não tiver trazido o livro, senta ao lado do colega.

Os alunos mais conversavam do que ouviam.

-Professora, o que é palafitas? (aluno "R")

-É a alta de ripinha. (aluna "T")

-Há eu já sei qual é, mas eu não sabia que ela tinha esse nome, lá em Tucuruí tem é muito. (aluno "R")

-Palafitas, "R" são casas construídas em terrenos alagados, por isso que elas são altas, são feitas em cima de estacas. (professora)

Quando os alunos terminaram, ela escreveu no quadro, problemas e cálculos para tarefa de casa.

12º dia – Data: 22/10/04

A professora iniciou a aula com 27 alunos, pegou um livro na bolsa e falou:

-Trouxe um livro novo , ele fala de como os negros se alimentavam, essa leitura faz parte do nosso projeto "Miscigenação" – ao negros.

O título do texto era alimentação dos negros, começou a ler e muitos alunos não prestaram atenção, eles estavam eufóricos, o aluno "V" falou:

-Hoje é dia de recreação, eu já quero ir pra quadra, vou fazer muitos gols.

-Eu quero brincar é de queimada. (aluna "B")

A professora parou de ler, fechou o livro e sentou, logo os alunos ficaram em silêncio.

-Eu acho que vocês não estão a fim de ouvir, não vou mais ler e depois vou querer um texto escrito com novas informações sobre os negros, aí eu quero ver.

Após uns dois minutinhos de silêncio ela retornou a leitura.

-Professora está chegando a hora de pegar os livros na biblioteca.
(aluna "V")

-Dá pra esperar eu terminar de ler pra você falar, após o recreio vocês vão pegar e vou logo avisando, é pra pegar livro e ler, só devolver quando tiver terminado, senão não adianta pegar, pra quê? Pra encher de orelhas igual ao livro didático.

Após, o recreio ela anunciou que os alunos já podiam ir pegar os livros na biblioteca, ela liberou de cinco em cinco.

Quando chegaram na biblioteca os alunos já iam direto na prateleira de contos, a maioria pegou livros de contos, apenas duas alunas pegaram livros de poesias.

Cada aluno pegou um livro, com exceção de dois alunos que ainda não tinham devolvido os livros.

-Agora, chegou a hora que vocês tanto gostam, vamos pra quadra, sem correr e sem barulho. (professora)

13º dia – data: 25/10/04

A aula foi iniciada às 8:00 horas porque a professora estava conversando com um pai de aluno na secretaria da escola.

Ao chegar na sala, ela anunciou que eles iam assistir um filme na biblioteca, o filme era “Pinóquio”.

-Por favor, não vão correndo, pra não atrapalhar a aula nas outras salas.
(professora)

As maiorias dos alunos ficaram atentas, assistindo o filme, tinha dois alunos que estavam inquietos, depois eles falaram para professora que eles não estavam prestando atenção porque eles queriam era assistir o filme da “Mula sem cabeça”. A professora disse pra eles que na próxima semana, eles iriam assistir.

O filme teve a duração de 1 hora e 20 minutos. A professora não fez comentários sobre o filme.

Ao retornar pra sala a professora, encheu o quadro de cálculos de multiplicação e divisão.

Enquanto isso, os alunos discutiam cenas do filme.

-Todo dia, vocês vão resolver cálculos, porque a prova de matemática, foi uma negação. (professora)

Após o recreio ela escreveu problemas de divisão no quadro. Leu cada problema e resolveu com a ajuda dos alunos.

A tarefa de casa foi cálculos de divisão.

-Estudem a tabuada, o problema é esse, vocês não sabem a tabuada.

14º dia – Data: 26/10/04

A professora iniciou a aula falando que os alunos iam fazer uma atividade diferente.

Colocou um jarro de flores em cima da mesa, afastou a mesa para mais próximo dos alunos e falou:

-Vocês vão fazer um desenho de observação, vão observar a mesa com o jarro de flores e vão observar.

Entregou pedaços de cartolina branca para cada aluno desenhar.

E antes deles começarem a desenhar ela pediu que eles fizessem um círculo, para facilitar a visualização.

Os alunos ficaram entusiasmados com a atividade, cada um queria fazer mais bonito. Quando terminaram a atividade a professora entregou papel madeira para eles colarem as atividades e pediu que eles assinassem o nome deles no papel, um embaixo do outro.

Em seguida ela entregou fita durex para eles fixarem o cartaz na parede.

Após o recreio a professora escreveu no quadro os pronomes: eu, tu, ele, nós, vós, eles. E escreveu frases, explicando o uso de cada um. Enquanto ela explicava alguns alunos conversavam.

Dando continuidade ela encheu o quadro de exercícios para responderem na sala e alguns em casa.

15º dia – Data: 27/10/04

A professora iniciou a aula falando da caligrafia dos alunos, falou que sentia dificuldades para entender os textos produzidos por eles. Pediu que eles abrissem o livro de Português e fizessem uma cópia do texto “A sopa de pedras”.

-Caprichem na letra e prestem atenção, logo após um ponto, começa com letra maiúscula.

Durante a atividade ela acompanhava nas carteiras, lia o texto, quando não entendia, pedia pra eles apagarem e começar tudo de novo.

A aluna “V” ficou chateada e rasgou três folhas do caderno.

-Não precisa você rasgar, pra isso existe a borracha. (professora)

Na hora que o sino bateu para o recreio tinha aluno que não havia terminado.

Ao retornar do recreio, ela pediu que os alunos produzissem um texto.

-Agora, vocês vão fazer um texto com letra legível, sobre a importância da alimentação dos negros pra nossa cultura. (professora)

A professora entregou folhas mimeografadas com 25 linhas e pediu que eles escrevessem.

-Prestem atenção, o título fica numa linha separada do texto.

A maioria dos alunos escreveram muito pouco.

-Está chegando o final do ano e vocês não aprendem a escrever um texto.
(professora)

Dando continuidade escreveu cálculos para a tarefa de casa.

16º dia – Data: 28/10/04

A professora iniciou a aula com 24 alunos, abriu um livro e pediu silêncio, o título da leitura era "O rei sol".

A professora iniciou a leitura com uma boa entonação, mas fez muitas pausas, para reclamar a atenção dos alunos que estavam conversando, no final da leitura já estava lendo com pouca entonação.

Hoje eu não vou nem perguntar, se vocês gostaram, porque com um barulho desse, é impossível ouvir. (professora)

Logo em seguida usou o quadro pra explicar o uso do rr.

-Não se inicia palavra com rr e no meio da palavra ele tem som forte, exemplo: morro, jarra, macarrão... (professora)

Após a explicação, encheu o quadro de exercícios. Quando os alunos terminaram a professora pediu que eles estudassem em duplas a tabuada de multiplicação.

Depois do recreio a professora escreveu no quadro cálculos de divisão.